



**TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO RESERVADA REALIZADA EM
21/01/2013**

LOCAL : SALA DO CONSELHO DA FUNDAJ

DEPOENTE:

- **MARIA MADALENA PRATA SOARES**

00:11 – Fernando Coelho - Havendo numero legal, declaro aberta mais uma reunião da Comissão da Verdade e da Memória Dom Helder Câmara. A reunião de hoje, como é do conhecimento de todos, será destinada a ouvirmos o depoimento de Maria Madalena Prata Soares, e o encaminhamento será feito pelos relatores do processo respectivo. Com esse objetivo, agradecemos a presença da depoente e passo a palavra, de logo, ao companheiro da comissão, Manoel Moraes, que iniciará a audiência.

01:11 –Manoel Moraes – Quería agradecer a sua disponibilidade de estar conosco esta manhã. A Comissão, como o dr. Fernando já pronunciou, ela tem uma responsabilidade histórica mas, principalmente, nessa conjuntura do direito à memória e à verdade, e é nesse sentido que eu quero agradecer a sua colaboração. Nosso depoimento, ele se constitui, dentro da relatoria, que nós, dentro de um processo metodológico, nos distribuimos, os comissionados, numa relatoria que tem como foco toda a discussão sobre a AP e a APML. E nesse período, que você conhece muito bem, de 71 até 7; e, naturalmente, todas as consequências desse processo de enfrentamento que houve por parte da repressão à AP que você fez parte. Então, a nossa ideia é uma abordagem inicial sua, sobre o que você viveu, a experiência que você teve; se você pudesse detalhar o seu conhecimento sobre a AP, todo o processo de inclusão, conhecimento seu de Mata Machado, não é? Seu companheiro...contar, você ficaria à vontade para relatar tudo o que você gostaria de dizer. Ato contínuo, depois desse seu depoimento, nós iríamos, os relatores do caso, sou eu, como disse Dr. Fernando, Dra. Nadja e Dr. Henrique, nós então iríamos, a partir do que, digamos, você não teria falado, a gente iria fazer algumas perguntas, que também seriam estendidas a todos os comissionados, que também poderão fazer perguntas. Então, fique à vontade, a gente está aqui realmente para lhe ouvir, e mais uma vez agradecer a sua disponibilidade.

03:06 -Maria Madalena – Eu entrei na AP ainda em Uberaba. Lá era o início, eu tinha sido da JEC, Juventude Estudantil Católica, e entrei na AP; e meu trabalho era alfabetização para adultos, na igreja dos dominicanos de lá. Depois eu fui para Belo Horizonte, mas ainda assim, bem ingênua... O que é que eu queria na vida: eu fui com meu irmão, um dos mais velho me levou, que era da AP também, que é o Ricardo Prata Soares, eu queria fazer a revolução socialista do Padre Negromonte. Minha argumentação era essa e eu fui embora para Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, ainda é época do documento-base, eu comecei um trabalho na...era uma época de desfavelamento em Belo Horizonte, meu trabalho era ligado às favelas, evitar, tentar preparar a população para não ter o desfavelamento. Fiquei em Belo Horizonte. Isso é 66 até 69; eu...em 69 eu fiquei grávida, não estava casada, fiquei grávida de um ex-

namorado que tinha sido militante, e a organização decidiu me tirar de lá porque criou muito conflito dentro da organização. Eu grávida, decidi que não ia abortar, que ia ter o filho, na proposta de que eu ia criar o filho numa sociedade socialista, então eu fui levada para São Paulo.

Em São Paulo, eu passei...aí trabalhei muito tempo em Belo Horizonte ainda, num grupo, mas na mesma proposta, de conscientização. Em São Paulo eu fui pra fazer um trabalho já na área industrial, era o período em que eles falavam de integração com as massas. Então, morar em bairro operário e trabalhar onde trabalha a população. Então eu trabalhei numa fábrica de lenço, eu era passadeira de roupas. Ou seja, eu trabalhei até quase o período de dar a luz. Depois disso, quanto eu dei a luz, (eu tô narrando como se fosse uma "historinha", é mais fácil), quando eu tava no hospital, o Zé Carlos esteve preso, antes do Congresso de UNE; ele foi libertado e o ...como é que chamava o cara que foi presidente da UNE?, o José...não, antes! Agora eu só lembro o nome de André... José Luiz Guedes, levou o Zé Carlos no hospital, eu tava ainda no hospital, pra me conhecer, e assim que eu saí do hospital, eu e o Zé Carlos começamos a namorar, ou seja, aquele namoro de organização, ou seja, marca, manda pra alguém contatar um ponto, que passa pra outro, que passa pra outro até chegar e acertar o dia do ponto, do encontro amoroso. Então, esse período, eu fiquei trabalhando com o pessoal; ainda era AP e APML, não tinha o "racha" da AP/PCdoB; nós fazíamos um trabalho de integração com as massas, lá em São Paulo. Uns estavam na área metalurgica, outros onde pudessem arrumar emprego. Eu comecei a namorar o Zé Carlos nesse período e, em 1970, no final do ano, a gente se casou. Casamos oficialmente, tanto pela minha família, que minha mãe estava doente, quanto para a família dele. Oficialmente assim, dentro da casa do meu irmão, quem fez o casamento era o Frei Chico, que depois deixou a batina. Mercado Neto, era um advogado, foi nosso padrinho de casamento, que ele era advogado do Zé Carlos. Depois desse casamento, nós decidimos, tinha uma escolha, ou a gente ia para o Rio Grande do Sul, pro sul, ou vinha pro nordeste. E nós escolhemos vir para o nordeste, por causa de não sentir o frio, que sabia que lá era muito frio.

Então viemos para o Recife; chegamos aqui época de carnaval, a primeira coisa que eu vi foram as Vassourinhas, fiquei encantada: "eu quero morar aqui, por causa do frevo na rua". Tava aqui bem no centro da cidade. Ficamos num hotel perto da rodoviária. Enquanto mantinha os contatos, fomos deslocados para Fortaleza. Fomos morar em Fortaleza. Já na mesma proposta, o meu trabalho era a integração com as massas, e o Zé Carlos tava fazendo um trabalho junto ao movimento estudantil de Fortaleza. Eu, ele, meu menino e mais duas pessoas, que uma há pouco tempo eu vi que ela é uma das presidentes do PCdoB, que era Aline; ela morava com a gente também. Foi um período... tem um período aí tranquilo, até que começou o período do racha, que virou a APML e AP/PCdoB, foi um período muito difícil. Da APML era eu e o Zé Carlos, é...Ana Maria, que acho que se chamava Ana Maria Oliveira, e outra menina do movimento estudantil que era a Adelaide Laís.

Não...a voz é assim mesmo...eu vou ficando..., vai ficando cada vez pior...eu vou ficando emocionada...não...e aí, foi um período muito difícil, que eu fiquei grávida do segundo filho que eu tive, filho do Zé, o Dori, e a gente divergia no nível assim, se eu ia ter o filho em Fortaleza, como uma mulher do povo, que eu era, ou se eu podia buscar maior recurso. Eu fui uma vez no hospital lá, e era um caos...o médico veio, ele tava cheio de sangue. O médico que ia me acompanhar. Aí nos decidimos que ia ter no sul. Então ficamos mais um tempo, que eu não lembro quanto tempo eu fiquei grávida lá, e vim embora pra São Paulo. E tentar entrar em contato com a família, porque o Mata Machado, o tempo todo ele mandava dinheiro pra gente, ele custeava nossa clandestinidade. Sim, eu esqueci, em 68 eu estive presa, lá em Belo Horizonte, por isso eu entrei na clandestinidade.

Aí...em 1º de maio de 68 eu fui presa, com uns quinze dias eu consegui sair, contei uma história estapafúrdia mesmo, das que, ah, eu tinha um mapa do meu irmão num papel, eu era de Uberada, e perdi, inventei uma história assim. Me liberaram, mas quinze dias depois saiu a prisão preventiva e aí eu decidi que ia ficar na clandestinidade. Mas...bem...aí decidimos que eu vinha para São Paulo. Mas tava, aquela... eu imagino que todo racha das organizações foi assim. Chega um nível de briga que, como diz o mineiro, é uma baixaria, a gente discute, de quem é esse livro, fica com você, fica com...ou seja, a gente perde todo o sentido da política. É uma história que tinha de ter; então a discussão minha era a seguinte: eu tô junto com o povo, mas não sou uma mulher do povo, sou uma revolucionária, então eu quero ter o meu filho com condições de sobrevivermos. Então era nesse nível; aí eu vim para São Paulo, quando eu estava... Eu ia ficar na casa do meu irmão, que já não era AP mais, ele era da POLOP, mas eu ia ficar na casa dele até dar um jeito de entrar em contato com a família. Quando eu estava indo, com o Mercado Neto, que era o advogado, ele falou “eu tô com sua certidão de casamento”, eu comecei a ler e falei “Ricardo Prata Soares”, ele falou “é, o Ricardo Prata Soares foi preso, a família foi presa, pra lá então você não pode ir, você vai ser presa.”, aí eu falei “então me leva para o colégio dos dominicanos”;

Eu fui para o colégio das dominicanas, que eu tinha estudado a vida inteira, em Uberaba, com as dominicanas, e tinha uma irmã, Irmã Carmen, que sempre foi uma referência, no período que eu morava em São Paulo, ela deixava a gente fazer reunião, dava apoio, dava notícias da família. Eu cheguei, elas contaram que minha mãe tinha morrido há sete dias, eu não sabia; perguntaram se eu tava chegando do entêrro e que meu irmão tinha sido preso logo após o entêrro. Ai, eu telefonei para o Gilberto, morava em Goiania, pedindo para ir pra lá, ter o Dori lá, e acabei lá em Goiania; Tive o Dori, no hospital da LBA, mas muito bem cuidada pela médica, deu soro, que ela sabia que eu ia voltar para Fortaleza.

Voltei. Quando voltei para Fortaleza, ou seja, eles eram extremamente ligados, assim, eu tinha 24 anos, e o Zé 25, mais ou menos assim, que a hora que o Dori nasceu, ele avisou pro pessoal, que ele tava lá em Fortaleza: “meu filho nasceu”, e a gente já tinha decidido que ia chamar Dorival, por causa do Jair Ferreira de Sá, ou Inês, por causa

da Maria José Jaime, que era a companheira do Jair. Aí eu peguei um ônibus de Goiania para Brasília, e de Brasília para Picos, Fortaleza, ou seja, aquela loucura, com dois filhos, levando o outro. Quando eu cheguei em Fortaleza, a situação do racha tinha se agravado mais, nós não tínhamos um tostão, e eu trazendo um filho para comer e o outro ainda mamando, aí fomos despejados da casa que nós estávamos, chamava Avenida Copacabana, nº 100, era uma casa simples, mas o nome era chique. Aí fomos morar numa bodega mesmo, era uma bodega, lugar onde tinha um armazém e a mesa lá pra vender...nós moramos um tempo nessa casa, mas a situação foi agravando cada vez mais, porque quando eu tentei entrar em contato com os Mata Machado, eu não consegui falar com eles, então quando eles ficaram sabendo que tinha nascido o neto deles e que eu tava tentando achar, eu já tinha voltado. Através da própria Ação Popular eles ficaram sabendo.

Aí ficou uma situação difícil; chegou uma companheira, deu uma grana pra gente, a gente mudou de casa, mas a situação já tava difícilíssima, ou seja, o Eduardo tava com raquitismo, que é o meu filho mais velho, e o Dorival com seis meses teve meningite. É um período que teve meningite no nordeste, assim... é..., vamos dizer mais ou menos, outubro e novembro de 1972. Foi uma epidemia, não era o único caso. Morava com a gente também, a Maria do Socorro Santos que é uma pernambucana, que tinha vindo do Maranhão e tava morando com a gente. Ou seja, nós éramos os três APML, em Fortaleza, a maioria tinha passado para a AP/PCdoB.

Aí nós decidimos, ou seja, na reunião, discutimos de entregar as crianças, não ficar mais com as crianças, porque tava uma situação muito difícil, o Dori, que é o do meio, chegou a ser desenganado, assim, falaram: "tá morrendo", deu alta pra ele, saiu do hospital: deu alta. Os vizinhos vieram trazer uma vela para pôr na mão, que ele tava virando, e eu decidi que ia morrer, mas ia morrer com a barriga cheia; fiz uma mamadeira de leite com maizena, ele viveu, ele já tava num período tao grande de hospitalização que ele tava era com fome mesmo. Entregamos para a família, decidimos. Eu fui contra entregar, não aceitava, achava que não tinha sentido ter tido os filhos para a revolução e, de repente, entregar os filhos, entregar pros Mata Machado, que não me conheciam; eu não conhecia ninguém dos Mata, conhecia uma cunhada, mais ninguém. E a gente, e o Ze Carlos achava que ia dar tudo certo, e de fato não deu certo. Ou seja, o Dorival foi tratado, sarou, mas o Eduardo, foi muito difícil pra eles conviverem com um menino de três anos que queria ficar comigo. Então, foi entregue para o pai dele; não deu certo, aí me avisaram:" o Eduardo não tá bem, ele tá...fica no berço falando que quer pegar o que esta dentro do onibus, ele tá viajando com voce". Então, nessa consequência, discutimos, e decidiu-se, que aí eu bati o pé, que eu ia ficar com o Eduardo. Que eu ia levá-lo mesmo, eu tava em Belo Horizonte e falei: "eu vou levar embora", falei ainda com a organização, telefonaram, eu falei:" não, eu vou levá-lo, ele não quer ficar e eu vou levá-lo."

Aí decidiu-se que, nesse período, que o Ze Carlos ia ficar em Recife e eu ia ficar em São Paulo, para um período de reeducação ideológica. Porque nós dois, em um determinado momento, pensamos que devíamos voltar para a vida legal. Porque tinha

filho, e num tavamo fazendo nada, ou seja, tava passando fome, então, voltar a vida legal. Então, nesse periodo, eu fiquei em São Paulo, e o Zé Carlos, até recentemente, eu achei que ele tava em Recife, mas depois lendo o relatório de outro ex, ex, uma pessoa que apoiavamos, simpatizandte, falou que o Zé Carlos ficou tres meses na casa dele, então, o Ze Carlos deve ter ficado numa casa e eu em outra. Dois aparelhos diferentes, e o Eduardo comigo.

Eh...a gente sempre escrevia carta um pro outro, essas cartas, até o Zé Carlos chegar no Rio, ele tava com todas essas cartas. Escrevendo, falando da vida, da música que ouviu, é...aquela música “detalhes”, do Roberto Carlos, que lembrava nossa vida, marcando nossa vida de casados.

Quando a organização decidiu que nós dois sairíamos de São Paulo outra vez, e iríamos para Recife. A função era, que tava tendo uma repressão grande no Maranhão, no interior do Maranhão, uns companheiros camponeses, era trazer os companheiros camponeses para Recife. Nós ficamos hospedados na casa de um pessoal simpatizante, que conhecia o Zé Carlos de nome, inclusive por causa do Zé Carlos Moreira que eram os dois na mesma época da UNE, que era a Fernanda Gomes de Matos, Marcelo Mesel... era um predinho que eles moravam na Ilha do Leite. Bem...agora um intervalo pra colocar meu irmão: quando eu estava em São Paulo, a Ação Popular me disse que o meu irmão Gilberto queria encontrar comigo. Ele queria voltar para a AP. Nós nos encontramos e ele me disse que tinha sido preso por causa do pessoal da ALN, que tinha sido muito torturado, e que ele queria voltar pra AP. Ele já tinha conversado com a direção da APML, que era o Paulo Stuart e o Jair Ferreira de Sá, essa era a direção, e tinha decidido que ia ficar próximo da gente, quer dizer, militar próximo. Ele disse que tinha uma... não está comigo mais, mas tinha uma fita que ele fez o depoimento dez anos depois, que na hora eu perguntei pra ele “voce entrou pra policia? Voce tá me fazendo pergunta como se fosse da policia!”. Ele falou “não, o que é que voce ta pensando de mim?!”. Lá fui eu embora. Quando decidimos que a gente vinha embora pra Recife, o Gilberto veio. O Gilberto ficou em Salvador e nós viemos pra Recife.

20:46 – Nadja Brayner - Em que ano foi isso?

20:47 – Maria Madalena - 73 já. Foi em 73. Foi mais ou menos em janeiro de 73. Não...talvez abril de 73, janeiro não, porque...aí eu não sei o dia, porque nós ficamos pouco tempo juntos, eu e Zé, porque logo depois começou a repressão e aí...

20:58 – NadjaBbrayner - Aí Veio embora...

21:08 – Maria Madalena - O Gilberto? Não, janeiro de 73. Porque eu fiquei um período em São Paulo ainda, depois disso eu ainda fiquei em São Paulo. Meu trabalho era trabalho de base, então tinha um mimeógrafo em casa, morava com uma menina, uma japonezinha, que era nutricionista do Hospital do Cancer, e era esse o trabalho. Mais o Eduardo.

21:37 – Nadja Brayner - E esse diálogo que você teve com ele, foi exatamente nesse momento, nessa data?

21:43 – Maria Madalena - Foi nesse momento, eu lembro o seguinte: o nosso encontro em frente ao cinema, no final da Avenida da Consolação; tinha uma praça que eu não me lembro o nome dela. Lá tinha um cinema de arte. Tava passando “Ladrões de Bicicleta”. Nós assistimos a esse filme juntos. Tivemos esse diálogo e já, eu já recebi a decisão: quando eu fosse, o Gilberto ia comigo. Aí nós viemos primeiro para Salvador, é...

22:10 – Nadja Brayner - Eu queria esclarecer mais: eu pergunto esse diálogo em que você questionou ele sobre o excesso de perguntas que ele estava fazendo...

22:20 – Maria Madalena - Foi nesse dia do cinema.

22:24 – Nadja Brayner - E você usou essa expressão...

22:25 – Maria Madalena – Ele disse que eu perguntei “você entrou pra polícia?”, “você tá perguntando igual polícia!”. Eu não me lembrava disso. Ele que recordou isso dez anos depois. Eu questionei. E como ele parou, depois eu apaguei isso da cabeça. Não me lembrei mais disso. Ele, nessas fitas, que vai chegar lá, que é em 83, quando ele declarou... foram passadas pro Jean Marc, que foi da UNE, e o Jean Marc passou pra Cúria, pra Dom Paulo Evaristo. São umas quatro fitas, que ele conta toda... o período dele, que ele esteve na repressão. Que é mais ou menos o que ele contou na Comissão, mas nessas, um período estou eu conversando com ele, e na outra, eu e a atual Ministra Eleonora. Nós perguntávamos claramente, perguntando quem é mais que é infiltrado, ou seja, fizemos um interrogatório pra ele. Mas não fiquei com essas fitas, eu sei que...

23:31 – Henrique Mariano - Vc sabe onde essas fitas estão?

23:34 – Maria Madalena – Elas devem estar na Cúria...o que eu sei é o seguinte: que a mulher, parece-me, que a mulher do Rui Frazão, que é a Felícia, que trabalhava no IBASE, ajudou a transcrever, e a Maria Auxiliadora, a Dodora, que era mulher do Aldo Arantes, ela também teve conhecimento; ela ajudou a transcrever as fitas. Porque as fitas foram transcritas. Elas foram trazidas em 83, eu tava com Manfredo Caldas, ele trouxe. Ele era cineasta aqui da Paraíba, ele trouxe. Inclusive, limparam, porque tinha muito ruído, fizeram todo um trabalho na gravação para ficar bem claro o que é que o Gilberto falava. Mas nunca mais vi as fitas.

24:10 – Henrique Mariano - Quando foi que essas fitas foram encontradas/gravadas?

24:17 – Maria Madalena - Oitenta e três, em oitenta e três foram transcritas as fitas.

24:20 – Comissão - (pergunta inaudível/alguém fala fora do microfone.)

24:25 – Maria Madalena - (tosse) Eu não tenho, mas existe a transcrição e existem as fitas. Elas não foram jogadas fora. Porque a ideia de 83 era passar as fitas para a AP, para ter uma idéia do que que estava acontecendo. Só que a AP não tomou providências, ou seja, e tinha gente viva nessa época, o Jair Ferreira de Sá tava vivo. Não se fez nada. As fitas ficaram lá com Dom Paulo. Isso quem me falou que tava com o Dom Paulo foi...

24:51 –Henrique Mariano - Madalena, mas, hoje, voce sabe com quem estão essas fitas?

24:58 –Maria Madalena - Eu imagino que elas estão num... todo material que era da Cúria tá na DHNET, né? Que inclusive já vi, tinha um livro do Zé Carlos, o depoimento do pessoal de Recife, aqui quando vinham fazer a sentada. Eu imagino que está lá, eu posso tentar descobrir com o Jean Marc, mas foi esse caminho que tomou.

25:20 –Henrique Mariano - E as transcrições? Devem ter sido feitas mais de uma cópia, não é?

25:24 –Maria Madalena - Mais de uma cópia, porque as pessoas tinham que ler...

25:26 –Henrique Mariano - Exatamente...

25:27 –Maria Madalena – Sabe? Então eu sei que na época quem me deu essa informação foi a ex-mulher do Jair, que era a Maria José, que as pessoas tinham participado na transcrição e que tinham lido as fitas, tinham lido a transcrição...porque era muito claro, ele falava muito claro na época. Tudo bem que tava bêbado ou aquela agonia, mas tudo que era perguntado ele respondeu. Inclusive no meio da conversa nós ligamos para meu irmao que morava...o Ricardo...eu num lembro onde ele morava, nós ligamos para o Ricardo pra contar o que é que estava acontecendo.

26:04 –Maria Madalena - Bem...vamos voltar lá, então...setenta e tres, Gilberto vem para Salvador, fica aqui em Salvador...lá em Salvador...eu não sei o endereço de cor, mas tem um texto do Emiliano José que fala o endereço em que ele morava. Ao lado dele morava um tal de Miranda. Que era um policial que ficava com ele. Ele vinha muito em Recife. Então numa dessas vindas a Recife, foi aniversário de um dos filhos da Fernanda Gomes, que era mulher do Marcelo Mesel, lá na pracinha. De repente, apagou a luz, no aniversário da criança; entrou um japonês e tirou a fotografia de todo mundo. Acendeu a luz, apareceu Gilberto. Na hora, Marcelo achou que Fernanda que tinha contratado o japonês e o contrário, então ninguém perguntou quem era aquele japonês tirando foto, e tirou de todo mundo que tava lá. O Gilberto apareceu; apareceu uma pessoa perguntando por mim e era o Gilberto. A gente peca pela...não é ingenuidade, não...a gente peca pelo, talvez o passado, por ser irmão, eu não perguntei como é que ele chegou até lá. Porque ele não tinha o endereço de lá, mas ele chegou na casa. Nem o Zé Carlos perguntou; nós ficamos felizes porque ele tinha chegado. Achamos que era mais uma força.

A partir desse dia, nós começamos a estranhar a casa...era um apartamento que ficava assim, em frente à praça; sentado ao lado do portão, tinha um homem sentado no chão vendendo bala. Uma praça que não tinha movimento, não tinha nada na praça, era um descampado. E...

27:59 –Manoel Moraes - Isso já em Recife?

28:01 –Maria Madalena - Já em Recife...aqui na Ilha do Leite.

28:05 –Nadja Brayner - Aquela praça que tem lá, Miguel Cervantes... Aquela praça?

28:07 –Maria Madalena - É...que tinha um edifício assim, ou seja, a lembrança que eu tenho que tá do lado de cá...no edifício moravam varias pessoas que foram simpatizantes. Era o Marcelo, o Eduardo com a Melania, são pessoas que reconheceram o Zé Carlos. Tinha um rapaz chamado Macunaíma, o Rubem, que era outra pessoa, que era um médico, acho que era Rubem, não sei também se era nome frio. Bem nós começamos a trazer o pessoal do Maranhão, então trouxemos o Carlos, que acabou não sendo preso, Manoel da Conceição me contou isso, anos depois, que o Carlos não foi preso, com as três filhas menores. Uma delas chamava Rosa. As meninas foram presas. As meninas ficaram trabalhando para os simpatizantes, pra ter um lugar para morar. E veio o companheiro camponês, com tuberculose, ficou hospitalizado, aqui no Hospital Sanatorinho, tinha alguma coisa chamada Sanatorinho? Tinha esse nome assim...um hospital de tuberculoso aqui. Não sei o nome dele. E aí o seguinte, começou a aparecer isso... a gente começava a ficar desconfiado, que ta acontecendo alguma coisa, a repressão ta chegando.

Em setembro mais ou menos, teve uma reunião. Bem...o Gilberto ficou hospedado na casa da mulher do Zé Carlos Moreira. Um dia ele tirou a camisa, ele tinha enrolado aqui nele uma coisa preta, uma coisa preta, enfaixada nele. Eu perguntei o que é que era, ele falou "eu to usando marca-passo! Eu tive um problema no coração na prisão...". Eu acreditei. Mas tivemos uma reunião que ele falava o seguinte: que eu, porque como eu estava com o filho, eu ia acabar entregando a organização toda, ou seja, a organização toda que eu sabia era eu, Zé e ele, eu não tinha contato com mais ninguém. Ai eu chamei o Zé para conversar fora da casa e falei... na hora eu falei, "Se voce acha que eu vou entregar todo mundo, vou ser responsável, eu vou... é melhor eu (me) suicidar! Porque se voce está colocando uma questão fechada, eu só tenho contato com o Zé, então não tem como entregar a organização toda". E aí, ficamos discutindo isso e decidimos... veio a notícia de que São Paulo estava caindo. Que aí foram as primeiras prisoes em São Paulo. Aí decidimos sair daqui de Recife.

Fomos para Salvador, com o Gilberto à tiracolo, pra uma casa de uma menina de Fortaleza, Adelaide. A tal Adelaide que eu tinha falado antes. Ficamos lá na casa da Adelaide. Eu tive uns dois contatos com o Oldak, não sabia que o Gildo tava por lá, mas não tinha contato. Ficamos lá e ai o Zé resolveu ir para o Rio pra criar condições de eu chegar no Rio, com a familia dele; ele tinha uma irmã que morava lá. Ele falou

“até dia 08 de outubro eu te dou notícia!”. Quando um dia eu estava lá em Salvador, nessa casa, que era em Vasco da Gama, parece que se chamava Conjunto Santa Madalena, eu cheguei na janela e vi um homem deitado assim, ao lado da janela. A gente já tinha notado que tinham sido roubadas algumas coisas na casa, sumiram. Tinha um homem deitado. Aí nós falamos “é a repressão chegando!”, quem já tinha vivido isso lá em Belo Horizonte, a mesma coisa de ver, eles vão chegando mesmo. E um lugar assim que não tem nada, é um mato...o que é que tá fazendo um homem no mato perto de um edifício. Ai resolvemos queimar um material que eu tinha; enquanto eu queimava o material, meu filho que tava comigo, de três anos, resolveu ajudar a queimar, quase pôs fogo na cama, ele também foi ajudando a queimar...ele viu a gente queimar num lugar e resolveu queimar em outro. Ai o Nilmário Miranda, ele sabe disso, mandou uma carta para a irmã caçula dele que tava fazendo 15 anos, ele tava preso, mandou uma carta. Dentro dessa carta, vinha um bilhete que não era do Nilmário, a gente não sabe de quem era, falando “o sr sargento não sei o quê, favor vigiar a casa tal!”, que era a casa do meu irmão e o Conjunto Santa Madalena. São militantes. O Oldak recebeu essa carta com a irmã, foi lá e avisou “a casa aqui caiu, vamos embora!”. Chovia, nós saímos com água aqui ó...o meu filho no ombro do Gilberto. Falou “eu vou com você até o Rio! Porque se acontecer alguma coisa, eu fico com o Eduardo...”, que é o meu filho. Aí, pouquinhos dias antes, como o Zé Carlos no dia 08 não deu notícia, no dia 12 eu resolvi queimar os documentos, eu tinha dois documentos frios, Maria Auxiliadora de Aguiar e Maria Elizabeth Paiva, resolvi queimar e tirar documentação verdadeira lá na Praça Castro Alves; tirei fotografia, e passei a ter meu nome verdadeiro. Já que vou ser presa, eu queria ser presa com meu nome.

33:58 –Nadja Brayner - Isso você falou dia 11 de setembro?

34:01 –Maria Madalena - Dia 08 de outubro...mais ou menos, o Zé Carlos ia chegar dia 08; dia 12 de outubro eu tirei essa documentação. Eu tenho certeza que era doze de outubro, porque eu tinha a carteira de identidade. É 12 de outubro. Bem...eu fui pro...Zé Carlos não deu notícia, eu fui pro Rio. Cheguei na casa da irmã dele, que não estava lá, ela estava em Belo Horizonte, mas morava na casa o Eide Ribeiro, que era o marido dela, Atécio Calado, filho de Antônio Calado e o Marcio Borges. Naquele livro “Clube da Esquina”, que o Márcio Borges escreveu, ele conta essa estada minha lá em Santa Tereza, a estada do Zé, a minha estada e a fuga, como é que eu sai do Rio. Ele narra nesse livro.

34:50 –Nadja Brayner - Os sonhos não envelhecem, não é? O livro?

34:53 –Maria Madalena - é...aí, ou seja, eu fiquei algumas horas dentro da casa, eles falaram que tinham queimado todas as cartas, e saíram em busca de um carro para me levar para Belo Horizonte...então não me lembro se o carro...aí contaram, eles me contaram que a casa era muito vigiada que em frente á casa que a Gina morava, que era a irmã do Zé, tinham caras filmando o tempo todo, que o Zé Carlos fugiu de dentro de uma feira, ele foi pra uma feira empurrando um carrinho de bebê, dessa feira ele fugiu, que Antonio Calado deu condições de ele sair do Rio vivo. E que ele resolveu ir

para São Paulo para arrumar advogado para os companheiros presos. Dar assistência para esses companheiros. Aí eles arrumaram esse carro, que eu não lembro se esse carro era do filho do Dorival Caymi; é alguém assim, foi o Marcio Borges, mais duas pessoas que eu não conhecia, eu e o Eduardo. O Gilberto não quis pegar onibus para São Paulo; ia buscar os amigos do Zé Carlos lá, amigos meus que tinham sido colegas do Zé era o Aranha e o Joaquim Martins, que ia lá para tentar descobrir o Zé, pra ver em que situação que o Zé estava. Eu cheguei em Minas, ou seja, a polícia não acompanhou...eu cheguei em Minas, fui, desci na estrada, mas o pessoal me levou, eu não vi meu sogro, mas falei da situação do Zé, que tava em São Paulo e a gente tava pra ser preso. A situação tava...a polícia tava no calcanhar da gente. Ele escolheu ir buscar o Zé Carlos. Aí organizaram um carro que veio o Casasanta, que era um advogado, o Adalberto que era um cunhado, e o Hélio, que era um tio do Zé Carlos, irmão da mãe dele. Vieram de carro buscar o Zé Carlos. Ah, e o João Paulo que era outro advogado, cunhado. Que iam buscar o Zé Carlos; eu fui levada para um sitio lá, um sitio de alguém da família. Antes de ir pro sitio, eu fui na casa de um... me levaram na casa de um rapaz que fazia teatro, e lá estava Socorro Santos, a companheira daqui. Ai ela falou que o Zé Carlos não deveria ter ido para São Paulo, e falou "olha, tem ...", tinha uma carta, ela me entregou uma carta que se pensava que tinham duas infiltrações, um tal de Luiz do banco, que deve ser, eu imagino hoje, que devia ser a pessoa que recebia o dinheiro dos Mata Machado. E um rapaz que foi preso dentro do DCE de Goiania, que era meu irmão. O presidente do DCE era meu irmão. Eu fiz: "mas vocês estão falando que é o meu irmão; mas o meu irmão tá o tempo todo com a gente, onde a gente vai, Gilberto está".

Todo mundo que eu encontrei de São Paulo, quando ele apareceu, depois quando ele teve no Rio, todo mundo que nós encontramos, eles acompanharam. Nessa fita ele conta que, no Rio, eles perderam o Zé Carlos de vista. Por isso que mandaram ele para São Paulo. Pra ele achar o Zé Carlos outra vez. Porque enquanto o Zé Carlos teve contato com Humberto, Honestino, os contatos que ele teve, eles seguiram. Mas depois o Zé Carlos teve outros contatos que eles não sabiam, eles perderam o Zé Carlos de vista. Aí a Socorro me contou que quando Zé Carlos... eu tô voltando nesse assunto porque acho que talvez seja uma pessoa importante, pra vocês terem ideia de quem que o Zé Carlos encontrou; quando o Zé Carlos esteve no Rio, a Socorro Santos tava la no Rio com ele. Eles escreveram um documento e discutiram muito a situação da AP, das quedas...

39:00 –Nadja Brayner - Ô, Madalena...é a Grauninha, é?

39:05 –Maria Madalena - é a Grauninha...ela tem uma pousada..eu não sei aqui de cor, mas no computador eu tenho o endereço dela, pelo facebook, a pousada que ela tem aqui...ela mora aqui em Pernambuco...

39:10 –Nadja Brayner - Maria do Socorro Santos?

39:19 –Maria Madalena - Maria do Socorro Santos.

39:20 –Nadja Brayner - Ela mora aqui?

39:21 –Maria Madalena - Ela montou uma pousada com...acho que com uma irmã dela...aqui! Em Pernambuco. Eu tenho o endereço dela, depois eu pego...hoje eu tentei ligar o computador, não consegui entrar na internet. Eh...aí eu passo pra vocês. A Grauninha é, só pra encerra: a Grauninha, ela ficou... depois que eu visitei ela, que a gente conversou, eu fui para o sitio, ela ainda ficou em Belo Horizonte, isso já é depois meu sogro contando, que um dia ele tava andando na rua, encontrou com ela em Belo Horizonte, Zé Carlos já tinha sido assassinado; resolveram tirar ela, aí um advogado amigo levou ela para a Argentina. Ela foi embora para a Argentina e da Argentina, ela foi para a França. Depois, quando já tava solta, um tempo depois, falaram que ela é louca, ela usou droga... mas ninguém entrou no mérito do que que ela tinha vivido. Ou seja, a pessoa que viveu mais próxima de Zé Carlos antes de ele ser assassinado. E tinha vivido com a gente quase um ano junto, acompanhando as crianças tudo. E fora que, quando Manoel da Conceição foi preso, ela tava casada com ele, então ela pegou toda a barra que chegava pra ela, a correspondencia do Manoel contando as torturas, ou seja, ela tinha... ela é pequenininha, parece uma grauninha mesmo, mas era muito amiga da gente.

40:53 - Maria Madalena - Bem...em 83, quando saiu a história de Gilberto, ela foi a pessoa da AP que me procurou, mas já não era mais da AP, pra me contar que tinha ficado no Rio, com Zé Carlos, me abraçar, dar apoio, e tentar ver o que é que tinha acontecido. Eu já tava em João Pessoa, foi só pra ...uma solidariedade, ela já não era militante. Bem...eu fui para esse sitio, um dia batem na porta, gritanto "Madá!!", eu achei que era o Zé Carlos, e era a polícia. Aí já entraram com metralhadora, e comentavam que eu andei de bicicleta, que eu tinha andado, que eu ensinei meu filho a mandar pedra com estilingue, que eu tava ensinando ele, tentando distrair ele lá. Fui levada para a primeira companhia, eu e o Eduardo, eles perguntavam pelo Zé Carlos: " Onde anda o Zé Carlos?", então como eles perguntavam e perguntavam para o Eduardo, eu achei que o Zé Carlos tinha fugido; isso foi no dia 22 de outubro que eu fui presa. Que é o mesmo periodo que é preso todo mundo aqui em Recife, também foram presos no dia 22 de outubro. Eu achava que o Zé Carlos tinha fugido, conseguiu fugir. Ai eu fiquei na primeira companhia, levavam para o interrogatorio, que eu não sei onde era, porque era de capuz, meu filho enrolado num cobertor...eu sei que tinha cachorro embaixo, porque era umas coisas de ferro e eu tava sem sapato, então eu sentia os cachorros latindo. Foi lá que eles falavam que iam matar meu filho, puseram ele de cabeça pra baixo numa janela, e depois de noite, a gente voltava para a primeira companhia. Que era uma loucura, porque eles falavam pra ele "se seu pai chegar, ...", ele não sabia que...ele sabia que tinha outro pai, mas não conheceu o pai verdadeiro. O pai dele era o Zé "...você vai embora." Então ele nessas ...era uma cela, com grade, ele falava "vamos...", a gente tinha essas camas de campanha, "...vamos por a cama aqui bem perto da porta, que a hora que a policia chegar e abrir a porta, não vai nos ver, nós vamos estar atrás da porta". Ou seja, entao era aquela loucura de tentar manter uma criança presa, ou seja, brincar com ele, brincar de escorregar,

conversar, contar história, pra não ficar tão traumático aquele momento. Depois, três dias, três dias e meio, mais ou menos, eles falaram que ele ia para um orfanato e me deram um papel para assinar, era um papel amarelo, que eu não li, e levaram ele. O papel era o juiz de menor expedindo que ia entregar aos Mata Machado, depois eu vi. Ele foi entregue para os Mata Machado. Eu fiquei mais um tempo lá, ou seja, eu falei que estava grávida. Em Salvador, quando eu estava em Salvador, eu descobri que estava grávida; aí, eu falei...que estava grávida, um médico fez o exame, me deu umas duas injeções...um dia, que eu não sei, porque eu não tinha mais já noção do tempo, me levaram, puseram numa c14, e vamos embora para a OBAN. Ai falaram que eu tava indo para a OBAN. Era eu e outro rapaz, mineiro, que eu não sei o nome, mas fazia parte de uma organização nova, que chamava “OMO”. Depois eu descobri que de fato existia e era uma organização pequena, um dos rachas. Nós fomos para a OBAN; quando eu cheguei na OBAN, eles falaram, “vamos contar pra ela o que nós fizemos com o Mata Machado?”, mas ao mesmo tempo eles perguntavam “Cadê o Mata Machado?”, o tempo todo perguntando “cadê o Mata Machado?”, até o dia 07... eu fui presa, eu devo ter chegado lá, vamos dizer no final do mês, eu não sei que dia, até o dia 7 de outubro, perguntando isso, e batendo e tortura, e aquela loucura que foi ficando, atrás do Mata Machado, no dia 7 de outubro...

45:14 –Nadja Brayner - Vinte e sete?

45:17 – Maria Madalena – Sete de novembro, aliás, desculpa...sete de novembro de 73, eles deixaram um livro preto na ...eu tava...esse tempo todo eu não saí de uma salinha, da OBAN; era uma sala de tortura, era toda de...uma coisa furadinha assim, pra abafar o som, que esqueci o nome, é toda fechada, a porta também, só tinha um...como é que chama essas coisas que tem muito em cozinha, que tira o ar pra fora? É...

45:47 –Manoel Moraes - Exaustor...

45:49 –Maria Madalena - Exaustor...só tinha o exaustor, uma janela fechada em cima. Eu ficava nessa sala, tinha um colchonete, a mesa e uma cadeira. Aí trouxeram um livro preto, grande, e puseram na mesa. E saíram. Eu vi que tava escrito na mesa, no livro assim, “Militantes da APML-situação atual”. Eu resolvi abrir e ver o que é que tinha acontecido com o Zé Carlos. A hora que eu abri, tava escrito: “morto”. Escrito a lápis. Eu fechei o livro. Quando o interrogador voltou, eu falei com ele que eu tinha acabado de ver uma coisa horrível ali: que o Zé Carlos tava morto. Ele falou: “Não...isso é brincadeira, num aconteceu nada não!”. Mas saiu, aí entrou outro interrogador com uma revista “veja”, e já tinha saído a revista “veja”, com a história do Mata Machado, falando, chamando IPM paterno, eu não lembro a data; é a revista Veja que tá o rei e a rainha da Inglaterra na capa. No documento que eu passei ontem eu acho que tem uma cópia do artigo. Que ele pergunta, no IPM que ele abriu, pedindo pra saber onde estava...o que, quem tinha matado o Zé Carlos, e onde eu estava. Eles queriam saber. Bem...eh..aí, eles confirmaram que tinham... que o Zé Carlos tinha morrido, mas já trouxeram um calmante para eu tomar; mas que os Mata

Machado não sabiam, que eles iam ligar e eu ia falar com a minha sogra, falar onde eu estava, falar com quem atendesse, mas não podia tocar no Zé Carlos. Eu falei com ela, não falei que eu tinha acabado de saber que o Zé Carlos tinha morrido, e ela não falou por que achava que eu não sabia. O Zé Carlos eu acho que já tinha sido enterrado, ou tava pra ser enterrado. Isso foi no dia 7 de novembro, eu sei, porque é o dia que quando eu sai, Mata Machado foi detalhando dia por dia, fez um diário. No dia 7 de novembro foi denunciado na Câmara e no Senado o meu desaparecimento e a morte de Zé Carlos. Então, a resposta que eles deram era eu falar onde eu estava. Que era lá em São Paulo. Na OBAN de São Paulo. Aí eu fiquei sabendo, mas...ou seja, o que é que aconteceu...primeiro, não tem uma ordem cronológica. Primeiro, eu fiquei louca. Eu achava o fim da picada, acho até hoje, o Zé Carlos ter sido assassinado. Então eu chorava demais, e eles começam com aquelas coisas de interrogatorio e traz fotografia, você conhece num sei quem, e traz é album e mais album de fotografia. Aí eu comecei a ter o abôrto, eu fiz a curetagem nessa sala mesmo, um médico, chamava Isaac, não sei do quê, de São Paulo, ele tinha uma clinica de abôrto em Pinheiros, chamada João Moura. Uma vez ele foi denunciado. É judeu, Isaac num sei o quê. É ruivo. Ele foi, fez a curetagem nesse lugar mesmo. Depois eu ...os Mata Machado...

49:17 –Nadja Brayner - Isso, na OBAN?

49:19 –Maria Madalena - Na OBAN...nessa salinha...que eu não saía...nesse periodo, eu to nessa salinha de tortura. Aí agora, mais ou menos assim, não sei precisar bem a data...teve um dia também que eu fiquei com um lado cheio de feridas. Toda cheia de feridas, pontinhos. A minha irmã foi me visitar, e falou “você tá toda ferida de um lado.”, e era esse lado que custou a sarar, ficou uma cicatriz na sobrelha, muito tempo. Eu falava “ah, é pernilongo...”, e ela falou “mas é só um lado!”, eu falei “os pernilongos são assim...”. Isso ela me contando que eu falei que pernilongo aqui só morde de um lado, aqui, no outro eu não tinha nada. A mesa ficava aqui, a cadeira aqui. Então se foi alguma tortura, tava do lado do torturador. Depois eu tive muita ...eh...feridas infeccionadas nas nádegas, mas assim, muitas. Que o médico lá, enfermeiro chamado Indio, ele abriu uma por uma e pôs um dreno, porque não sarava. Eu já não sentava mais. Depois, que é mais? Aí eu vou...sim, eu vou contar coisas que eu vi... Bem...eu fui levada nesse meio tempo, não sei quando, que eu fiquei até março lá, eu fui levada num...depois da minha qualificação, o Mata Machado pediu para eu fazer um laudo psiquiátrico. Ele ia sempre me ver. De quinze em quinze dias ele estava lá. Ou meu sogro, ou minha sogra, eles iam. Me visitaram sem parar, levavam cigarro, então eles me deram assistência total. Ele apresentou um laudo pedindo para eu ser levada a um psiquiatra, que eu fui, que eu sei que é lá no Hospital das Clínicas, não sei quem é o psiquiatra, deve ter nos autos que estão no DOPS, que já me falaram que viram, eu nunca vi as coisas que tem lá no DOPS/ São Paulo. Nem na Auditoria, eu não fui atras desse material. Mas tem, Suzana Lisboa, é uma das pessoas que viu. Ela falou que viu todo o meu material. Eu fui levada, o medico perguntou o que é que eu tinha, eu contei que o meu marido tinha sido assassinado,

meu filho eu não sabia onde tava, tal...ele passou trinta miligramas de tensil, que eu tomava durante o dia, e a noite, outro remédio, que eu não me lembro o outro. Eu sei que eu tomava esse, porque quando eu saí da prisão eu ainda tava tomando. Só que eu não dormia. Tomava isso, eu não dormia, eu lembro desse tal Índio falando “você tem que dormir!”, mas eu não conseguia dormir. Eu ficava naquele pedacinho, elétrica o tempo todo. Depois eles me levaram...eu lembro assim de cenas, por exemplo... Quando eu soube da morte de Zé Carlos, eu cantei “assum preto”, que a gente era muito ligado às músicas de Luiz Gonzaga, e a OBAN toda cantou, ou seja, tinha gente cantando comigo. Eu lembro disso.

52:33 –Comissão - Ô, Madalena, desculpe a interrupção...é pra não voltar depois, duas rápidas questões: você falou, além dessas torturas psicológicas, houve alguma forma de tortura física, violenta, pessoal, durante esse período que passou...eh...

52:53 –Madalena - Comigo?

52:54 – Comissão - Sim, sim...

52: 55 –Maria Madalena - Olha, eu não sei, porque que eu fiquei machucada. De um lado. Não tem, num passa na minha cabeça o que aconteceu. Eh...eu lembro assim, de choque, que é um torturador que eu vi, depois eu não vi mais..., mas depois da morte do Zé Carlos, eu entro quase num estado de inconsciência. Que todo mundo, ...tem um livro do Osvaldo Rocha, que estava preso na OBAN, que ele fala “eu fiquei doido!”. Tem um depoimento da Mércia também que ela fala que...eu desestruturei com a morte do Zé Carlos, eu num sabia o que é que ia fazer mais da vida...tá?

53:35 – Comissão - Antes disso, você falou rapidamente, que eles tinham mostrado algumas fotos... Eles estavam procurando alguma coisa específica? Estavam procurando alguma informação específica, antes de você saber da morte do Machado?

53:49 –Maria Madalena - Eh...era de tudo quanto era organização, quem é que eu conhecia... então, é albuns e mais albuns, são milhares de fotografias, pequenininhas...num período desses, eles perguntaram se eu conhecia o Fernando Santa Cruz, que eu não conhecia. E se eu conhecia o Eduardo Collier Filho, que eu não conhecia como Eduardo, conhecia como Ulisses. Eu tinha visto o Eduardo quando ele ainda morou em São Paulo. Eu tinha visto ele lá. Mas eles perguntaram, eu lembro direitinho, eles perguntaram pelos dois. Pelo Carlos, que era o camponês daqui. Nesse período uma vez entrou o Sergio Fleury na sala e falou “escreve aí que o – que ela não sabe, mas que o camponês que tava no hospital foi assassinado...nós matamos o camponês que tava no hospital”. E falou o nome dele. Eu não voltei a ver o caso, então não sei o nome. O Manoel da Conceição não conseguiu saber quem era. Mas era um camponês militante que morreu aqui no hospital, eles mataram. Sergio Fleury matou. Nesse hospital. Aqui em Recife. Eu não sei o nome, não sei...

55:04 –Comissão - Trabalhador rural?

55:05 – Maria Madalena - Trabalhador rural...era o pessoal da época de Pindaré Mirim...o caso era com o Pessoa, com Manoel da Conceição no Pindaré Mirim... Então ele deve ter morrido, Zé Carlos foi preso dia 19 de outubro, é nesse período...que ele morreu...outubro, novembro...73, mas é um camponês... Que tava internado, porque estava tuberculoso. Que quem internou ele é essa pessoa que eu acho que se chama Rubens, talvez a Fernanda Mesel, Fernanda Gomes de Matos sabe como é que é o nome, ou Marcelo, quem é esse Rubem...

55:42 –Nadja Brayner -Rubens Lemos...

55:43 Maria Madalena - Não... Rubens Lemos, não... é um rapaz que estudava medicina aqui, ou era médico aqui. Eu guardei como Rubens, mas ...é uma pessoa que encaminhou essa pessoa com tuberculose para o hospital. É um rapaz de Recife. Que era ligado ao pessoal da Ilha do Leite. Mas eu guardei como Rubens, por isso eu acho que é Rubens, que ele é chamado...

56:05 –Comissão - Rubens de Alcântara Bonfim?

56:10 – Maria Madalena - Pode ser...ele é estudante de medicina ou médico?... é um pessoal que foi preso, inclusive. Eles foram presos aqui. É um pessoal que foi preso com o pessoal da Ilha do Leite, que eu sei que teve várias prisões. Bem...eh...que é mais? Bem...eu fui levada para uma sala, que muito tempo eu achei que era delírio meu. Achei que eu via as coisas, que eu não tinha visto. Mas com o passar...quarenta anos depois, você já ...se você continua vendo a mesma imagem, você fala “bem...” Eh...você consegue...ou seja, eu fui levada para uma sala, embaixo, sem sair da OBAN, que tinha várias celas escuras, e pessoas presas, e eram pessoas muito torturadas...em São Paulo. Eu...na rua Tutóia, onde era a OBAN. Eu queria sair de lá, eu pedia pra me tirar de lá. Eram várias celas. Não sei a época, mas eu tenho certeza que eu ...não! é... subterrâneo, a geladeira ficava perto dessa sala onde eu ficava, tinha as salas, que aí aqui era carceragem, tinha uma geladeira, três celas e mais três celas, era mais ou menos assim. Depois um dia me levaram, um tal de Cabral que eu guardei como Cabral, foi a única vez que eu vi esse cara lá no DOI-CODI, ele me levou para uma sala em cima, ou seja, se eu quisesse ir no banheiro, eu tinha de bater na porta e eles me levavam no banheiro em cima. Eu subia a escada perto da sala, virava assim e subia a escada. Toda vez que eu ia no banheiro, eles me levaram para tomar banho, e foram...duas vezes eles levaram. E foram três caras com metralhadoras. Eu tomei banho com três caras me vigiando de metralhadora. Depois desse banho, eles me levaram para uma sala, uma cela, gelada, mas fria demais, que eu quase morri de frio lá, eu tremia sem parar. E tinha uma grade, nessa grade tinha uma pessoa presa, nessa grade, amarrada nessa grade, como aquele símbolo do ...deixa eu lembrar agora... Gente aquele pintor da renascença...Leonardo da Vinci...é um homem amarrado assim...eu aprendi isso depois, mas é essa a imagem. Nessa sala que eu estava, essa pessoa gemia muito. Eu não me lembro quem...nem sei se eu olhei...eu pedi um cigarro. E alguém que tava de fora me deu dois cigarros. Um pedaço de fósforo e um pedacinho da caixa de fósforo, “não conta pra ninguém que eu

te dei o cigarro!”, que eu fumei. Eu fumo muito, num tô fumando aqui, mas eu sou fumante. É...depois disso, eles me tiraram de lá, e me levaram...desceram para a sala onde eu ficava, mas eu não entrei na sala, me puseram sentada numa mesa de fora. E tinha muita gente chegando na prisão. Isso após mais ou menos 74. Tinha muita gente sendo presa. Eles falaram que eram assaltantes de banco, eu me lembro que tinha uma pessoa muito alta e um japonês junto. Mas eram mais ou menos umas dez pessoas assim, ó...que eles puseram antes...o DOI-CODI é assim: tem um hall de entrada, essas pessoas estavam...aqui está a salinha, a salinha de torura e a carceragem. Nesse hall de entrada. Então, pode ser janeiro de 74, eu não sei...quem pode ter sido preso, mas era muita gente, era como se fosse uma organização caindo. E as pessoas pediam água...e gemendo demais, ou seja, eram pessoas que tinham passado sob tortura. Eu olhei, antes de eles colocarem o capuz, não reconheci ninguém, mas gravei que tinha uma pessoa alta, magra e um japonês. Foram as duas fisionomias que eu guardei. Bem...a hora que eu tava falando isso eu lembrei de outra coisa...ah sim: nesse tempo que eu estava lá, nessa salinha, um dia, eu falei com eles “meu irmão está chegando aqui!”, “Gilberto está chegando aqui!”, eles falaram “não!”, eu falei “está!”. “gilberto está chegando aqui!”, abriram a porta, tinha uma pessoa, coberta com um cobertor, que levantou, e era o Gilberto. Ai Gilberto falou que tinha sido preso, em Goiania, que tinha sido muito torturado, ele mancava de uma perna...e que tava lá, e achava que eu devia sair de lá, de qualquer maneira. Fazer qualquer coisa para sair. E se fosse o caso, que eu fosse para a televisão, arrependido, mas que eu saísse de lá. E ficou um tempo lá na OBAN. Como ele tinha sido militante, eu achei na besteira de assumir a militância dele, ele tinha sido de um trabalho camponês, em Belo Horizonte, eu falei que eu queria ir. Que num tinha nada, eu que tinha feito o trabalho camponês. Assumi a militância dele. Depois, quando ele falou em 83, ele falou que esteve nas celas dos homens lá do pessoal de AP, que ainda estava lá, na OBAN. E depois foi para o DOPS com esse pessoal. Eu lembro que ele falou o nome do Hilário. Que hoje eu sei que chama Hilário, antes era um nome frio, mas hoje já sei que chama Hilário. Que ele morava em Uberlândia, que foi casado com a Cida, que era de Goiania. Foram essas pessoas assim, mais ou menos. Depois ele foi embora. Eh...depois de um tempo eles me levaram, atravessando o pátio da OBAN, tem um edifício...quem vê a fotografia vê, tem um edifício que tem duas celas. Me levaram lá para ficar com uma menina, que tinha sido muito torturada, que chamava Irene, eu conheci como Irene. Ela me contou que ela chamava Irene, que ela foi presa no norte, e que trouxeram ela de avião. Ela e um camponês, e que o camponês tinha sido jogado no mar. Quem é Irene eu não sei, quem é o camponês eu não sei...ela falava que era de uma organização VAR PALMARES ou VPR, um restinho que ficou, mas eu não tinha como conferir, eu nunca soube o nome direito da Irene. Era só isso, mas eu fiquei um tempo com ela. Nós duas tentamos nos suicidar, fizemos uma corda com lençol, e tentamos suicidar porque a cela, essas...lugar que fica...você falou hoje que fica aberto em cima, eles nos pegaram e tiraram a corda, depois ela decidiu morrer. Ela tinha uma irmã que era enfermeira, então a irmã trazia calmante, ela foi tomando, ela foi juntando, depois tomava. Quando ela não aguentou tomar mais, ela pediu para eu por na boca dela, eu punha e punha água, para ela morrer, já que ela

queria morrer. Era natural pra mim isso. Hoje quando eu olho eu vejo a loucura que é ser... levar alguém à morte assim, tranquila. A família reclamou muito, que ia me processar, que era assassinato, mas ao mesmo tempo era...ela queria...ela tinha o cabelo lisinho, era bem branquinha, queria estar com o cabelo penteadinho, arrumadinha e música da Eldorado. Ela tinha um radinho, ela pôs música da Eldorado. Que ela não queria morrer feia. Queria morrer com o rosto suave. Quando eu fui para a qualificação, que eu tenho a impressão que eu saí na qualificação, em março, eh...eu saí...eu tava com ela quando eu saí. E aí eu falei, eu vou denunciar; que tá no processo, eu denuncio a situação dela, que o major Ustra tava passando remédio nela, que ela tava muito roxa e ele passava remédio nela. Ela tava muito machucada. Era um treliche, assim. A gente dormia lá. Então a hora que eu via, eu via que o major Ustra tava lá. Eh...eu saí, então voltei na OBAN pra falar “eu tô saindo.”, que eles avisavam você. Quando...que antes da qualificação, tem uma coisa que chama cartório. Quando eu fui para o cartório, acho que é cartório mesmo, foi o capitão Ubirajara e o tenente Ramiro comigo, são duas pessoas do DOI-CODI. Tenente Ramiro é o tal que tem a tatuagem de uma âncora, assim. Eu fui e eles ditavam o que é que ia ser. Então se você olhar meu depoimento, ou seja, eu conhecia como se eu conhecesse todas as organizações, eu era o supra-sumo! Conhecia tudo quanto era organização, tudo que eles queriam comprometer, eles fizeram nisso. Quando eu fui para a qualificação, eu denunciei.

01:05:57 – Manoel Moraes – Só uma pergunta...o capitão Ubirajara, ele é o Calandra, é?

01:06:03 – Maria Madalena – É o que eles falam que é Aparecido num-sei-o-quê. Eu já vi a foto na internet...

01:06:07 – MANOEL MORAES – Aparecido Calandra?

01:06:09 – Maria Madalena – Não! Não é. Não é o capitão Ubirajara que eu conheci. Não é. Não tem barba, ele é baixinho, gordo, branco, não é...eu não reconheço, o capitão Ubirajara foi uma pessoa que esteve muito próxima de mim o tempo todo. Pra mim... pode ser que ele deixou a barba crescer e mudou. Eu conheci sem barba e não é aquele rosto. E eu sei que ele morava...bem...intervalo...voltando lá atrás, eu tenho uma amiga de Uberaba, Regina Nogueira, que morava lá em Pinheiros. Lá em... Quando eu tava lá em 73, em São Paulo, eu fui na casa da Regina. Era muito amiga e tinha sido de AP. Foi a primeira casa em que eu morei quando eu saí de casa, quando eu cheguei na casa de Regina, tinha um homem de terno listrado, calça xadrez, e...calça de listra...sentado num banco, assim, procurando num-sei-quem na casa. Fui eu, a Regina, o Gilberto e o Oswaldo Rocha. Aí anos depois...depois, a Regina me procurou em Uberaba e falou comigo que o Aparecido, o Ubirajara, morava na rua dela. Eu não sei qual é a rua, mas é em Pinheiros. Sei que morava a Regina, morava a Berta,...eu posso até tentar descobrir isso, eu tenho o telefone de Regina, lá em...

01:07:45 – Nadja Brayner – Quando foi isso? A data?

01:07:50 – Maria Madalena – Em 73, em alguma data antes de eu ser presa. Tá?...é Regina Maria Nogueira, tem a Berta, é... Era um pessoal ligado à AP.

01:07:59 – Nadja Brayner – Você falou em Osvaldo Rocha...

01:08:05 – Maria Madalena – Osvaldo Rocha era um militante da AP que foi preso, de Goiás, de Goiania; ele escreveu um livro e é uma das últimas pessoas que viu Paulo Stuart. É a pessoa que entrou no trem com Paulo Stuart...

01:08:27 – Nadja Brayner - Paulo Wright...

01:08:29 – Maria Madalena - Tá? Ele morava lá... E ele era meu contato em São Paulo, ele frequentava...era o meu contato com a organização. Ele que levava as cartas do Zé Carlos, nesse período que eu estive morando em São Paulo, levava os documentos que era pra rodar, tudo isso...

01:08:42 – Nadja Brayner– Isso foi em setembro de...setenta e três?

01:08:44 – Maria Madalena –Setenta e três, eu ainda...não...eu fui presa em outubro de 73, no início de 73...

01:08:50 – Nadja Brayner – Porque existe uma referência de que Osvaldo teria sido preso na mesma data do Paulo Wright...aqui 5 de setembro de setenta e três...

01:09:03 – Maria Madalena – é...então foi antes...foi antes da prisão...que ele é do pessoal de São Paulo, entra com a turma...que caiu, de São Paulo. Eu encontrei com ele dentro do DOI-CODI. Eu vi ele lá no DOI-CODI, preso. Isso...eu vi a Beatriz Bachieri quando eu cheguei...ela tava recebendo a visita da mãe e o Osvaldo lá. Bem...que é que eu tava contando? Deixa eu tentar voltar...ah, sim! Na casa de Regina, então, tinha esse cara. Nós saímos, fomos embora; quando eu cheguei, a primeira pessoa que eu vi dentro da OBAN era esse cara. Ele falou assim...ele é ruivo, grandão, falou “você me conhece? Eu sou Oberdan. Você lembra de mim lá na casa da Regina Nogueira?”...é Oberdan!

01:09:57 – Nadja Brayner - Oberdan?

01:09:59 –Maria Madalena - Oberdan! Ele é alto, (alguém fala)...não sei...era Oberdan; mas ele é alto, a pele vermelha, e anda com essa roupa...o tempo todo ele tava com essa roupa extravagante, combinando xadrez com listrado, assim bem berrante. Mas eu não esqueci o nome dele, era Oberdan. Depois, ele falou: “Eu tava lá na casa da Regina quando você chegou...”, ou seja, quando eu cheguei na Regina, a casa já tinha caído e eles não sabiam ainda. Né? Ou seja, eu cheguei...a polícia já tava dentro da casa e eles não sabiam que a polícia tava dentro da casa. Que a Regina é ...eu era muito magrinha, moreninha, e ela também. Então, quando ela foi presa, eles achavam que ela era eu. Então ela fala que viu todas as fotografias do Rio de Zé Carlos, todo o acompanhamento de Recife, que muito tempo eles achavam que a Regina era eu; chamava Joana, que ela era Joana, então ela ficou presa um período

bem grande demonstrando que ela não era eu. Eu não vi esse material, mas ela viu e me contou. Ou seja, ela continua minha amiga, ela mora em São Paulo e continua amiga.

01:11:09 – Nadja Brayner - Madalena...você falou que você estava junto com Gilberto Prata nessa ocasião...

01:11:15 –Maria Madalena - Nessa ocasião, dentro dessa casa.

01:11:17 – Nadja Brayner - Foram à casa da Regina...e a polícia estava lá já?

01:11:20 -Maria Madalena– Estava. Esse Oberdan tava lá, sentado. Calmamente, encostado..(é um banco de madeira), com as perninhas esticadas...e isso, vamos calcular que eu voltei pra Recife em julho, agosto, por exemplo, então nesse período eles já estavam na casa. E o Gilberto tava junto comigo. E ele fez questão de recordar...

01:11:39 – Manoel Moraes – Ele estava na casa, como é...?

01:11:46 – Maria Madalena - Esperando uma das meninas da casa, era uma república de meninas. Eu lembro da Berta...porque eu guardei o nome da Berta, porque a Berta faleceu...mas é um pessoal que era amigo da Bia do Zé Jaime, mas eu posso procurar desencavar isso pra vocês, quem era esse pessoal. E a Regina Nogueira, que era de Uberaba, minha amiga. Um pessoal que estudou sociologia, trabalhava na..., eles moravam em Pinheiros, que a Regina continua na mesma casa, ela comprou a casa. E ela falava: “Capitão Ubirajava continua morando na mesma rua”. Eu vi a foto, quando eu vi que era Aparecido num-sei-o-quê, pra mim aquele, ele não tem nada do Capitão Ubirajara, mesmo usando barba e bigode, ele não me lembra e é uma pessoa com quem eu convivi muito, então, eu acho que, pode ser que o que eu vi não era o Capitão Ubirajara, e... mas eu já olhei demais as fotografias dos torturadores e eu não distingo, não acho outro Capitão Ubirajara. Ele tinha o cabelo liso, comprido, mas todo mundo fala que ele era Ubirajara. Mas pode ser que eles mudavam o nome para ...

01:13:00 – Nadja Brayner – Madalena...veja só: só para eu entender. Isso foi em 73, julho ou agosto?

01:13:08 –Maria Madalena - Foi antes de eu vir para Recife, eu não me lembro quando eu vim para Recife.

01:13:10 – Nadja Brayner - Antes de vir para Recife...

01:13:12 –Maria Madalena - Antes de eu vir para Recife, eu fui na casa de Regina...

01:13:14 – Nadja Brayner - E de Recife foi que vocês foram para Salvador?

01:13:18 – Maria Madalena - é...ou seja, eu tava em São Paulo, vim para Recife, não lembro a data; daqui de Recife, já fugindo, fui para Salvador; de Salvador, Rio; Rio, Belo Horizonte. Aí já é no processo de fuga. Passava, ou seja, dez dias, um dia só no lugar, mas já é fugindo. Mas o Oberdan foi na casa da Regina. Foi eu, Regina e o Osvaldo Rocha...eu, Gilberto e o Osvaldo Rocha e esse cara, que era um torturador, do DOI-CODI, tava lá; chama Oberdan. Em São Paulo...em São Paulo, em Pinheiros. Eu não sei o nome, não me lembro mais o nome da rua.

01:13:55 – Roberto Franca - (áudio muito baixo)... você não ouviu falar nada, um Marechal?

01:13:59 – Maria Madalena – Marechal é um carcereiro! Vi, várias vezes, eu conheci o Marechal dentro da OBAN. Eu conheci na OBAN. Tenente Ramiro que é o que tem a tatuagem de uma âncora.

01:14:10 – Manoel Moraes – Você sabe o nome verdadeiro do Marechal?

01:14:15 – Maria Madalena - Não...eu sei...se eu ver a foto dele eu sei quem ele é...que ele é mais velho. Ele é moreno, mais velho...já tinha o rosto mais acabado.

01:14:25 – Manoel Moraes – Ele seria da polícia ou do exército?

01:14:27 – Maria Madalena - Ele seria da polícia, ele era carcereiro. Carcereiro e...assim, que limpa o chão. Sabe...ou seja, depois, algum tempo, que eu ficava lá na sala muito tempo, ficava imundo, ele que ia limpar o chão, passar o pano, e limpar o chão, trocar o colchonete, essas coisas...era ele. Que...quando fizeram o aborto, eu perdi muitos dias sangue, sem nenhum preservativo, ou seja, o sangue escorria pelas pernas, pelo chão...ele ia lá para limpar. Limpar, ele fazia esse trabalho de limpeza. E era o Marechal. Tem o Indio, que era um enfermeiro...

01:15:00 – Gilberto Marques - Dá licença...pela ordem, eu queria fazer só uma pergunta em relação ao Marechal para não passar desse tema: ele também participava da tortura de alguma forma?

01:15:09 – Maria Madalena - Nenhuma vez eu vi na...comigo, nem interrogatório. O que ele fazia era limpeza. Ele inclusive, por exemplo, quando a dona leda foi lá em São Paulo, ele que recebeu... Ela falava que era um tal de Marechal que recebeu a roupa para me entregar. Roupas, cigarro, a primeira vez que minha família foi, que ainda não conseguia me ver, que é o período que eu já tinha tido o aborto, tava ferida, eu só estive com eles quando já estava aparentemente bem...

01:15:43 – Humberto Vieira de Melo –Isso é importantíssimo...Manoel, isso é importante registrar, tá? é...o Marechal recebia a roupa, que é o mesmo que recebeu a de Fernando. Tá certo?

01:15:50 – Maria Madalena - é...roupa, cigarro...

01:15:59 – Humberto Vieira de Melo - Ele é quem recebia os familiares.

01:16:00 – Maria Madalena - Ele recebia os familiares, e tinha... ele tinha uma...essas tábuazinhas, assim que tem, que você coloca papel...

01:16:05 – Humberto Vieira de Melo – Prancheta!

01:16:11 – Maria Madalena - Prancheta...com o nome de quem tava preso. Ele sabia. Era ele.

01:16:10 – Manoel Moraes - Onde é que ele fazia isso? Lá na recepção, na...

01:16:16 – Maria Madalena - Depois...é...ou seja, a OBAN tá aqui, a salinha de tortura, que sobe uma escada, vai para o segundo andar, aqui tá a carceragem, tem um hallzinho, aí tem uma porta. Que para você entrar nesse lado, você tinha que apertar a campainha. Aí você entra num lugar que tem dois bancos enormes, você recebe a visita alí; os familiares você recebe alí, e fica sentado alí, naquele lugar. Ele recebia as pessoas alí.

01:16:49 – Manoel Moraes – Agora, o Aparecido, ele participava da tortura?

01:16:51 – Maria Madalena - Ah, não, ele era comandante mesmo. Eram três capas, três capas, três equipes. Equipe A, que era o Ubirajara; Ubirajara, Ramiro, um morenhinho que eu não sei o nome. Esses dois eu lembro bem. Eh...equipe B, ...equipe B, não, equipe A não é o Ubirajara! Ubirajara é equipe B! Equipe C é o doutor Homero, que aí eu sei o seguinte: vou contar uma coisa que é pesada. A minha irmã casou com um rapaz que hoje está em Florianópolis: André Torres. Esse Homero chama Jaime Torres. Ele era...quando eu sai da prisão, anos depois que minha irmã casou, o André me perguntou: “Madalena, você conheceu um tal de doutor Homero?”, e me mostrou a foto. A foto do doutor Homero aparece “esse Homero, ele é meu tio, e eu contei para minha vó...” (eu conheci a avó dele, a Querida)... que ele era torturador”. Aí falou: “Ele chama Jaime num-sei-o-quê Torres”. Era o tio do André que tinha sido casado com minha irmã. O André era um dos assessores do Fernando Henrique Cardoso por muito tempo. Agora ele tá doente, ele voltou para Florianópolis. Ele ficou muito doente com ...levou uma queda, tem alguma doença aí...

01:18:27 – Henrique Mariano – Eles foram casados em que período? Você lembra?

01:18:30 - Maria Madalena - Lembro. Ela casou-se em 74, deve ter separado em 75, eles tem duas filhas, que já são adultas, não moram mais com minha irmã. Mas eles foram casados nesse período. E foi nesse período, volta lá atrás...em dezembro de 74, minha família resolveu fazer uma noite de Natal lá em Uberaba. Com todo mundo. Inclusive, o Gilberto. Aí, o André foi com a Marta, foi todo mundo. Não deu certo porque acabou virando uma briga, você imagina seis irmãos que não se veem, dois saíram da prisão, não eu e o Ricardo que brigamos, mas, eles brigaram entre si por causa de um pedaço de um bife. Uma festa ridícula. Falei que nunca mais eu voltava a

fazer festa com eles. Não voltei (risos). Que um punha um garfo, um punha a faca em cima, coisa maluca, parecia quando era criança. Aí foi nesse Natal que o André me contou isso. Que o doutor Homero era o pai dele, o pai dele era o doutor Adolfe, é o tio dele, e mostrou a foto. Então doutor Homero era da equipe C. Quem mais tinha com o doutor Homero, tinha um...

01:19:55 – Humberto Vieira de Melo – Madalena, esse Homero, ele era do exército ou da polícia civil?

01:19:56 – Maria Madalena – Ele é do exército.

01:20:00 – Henrique Mariano – Ele era sogro da sua irmã?

01:20:04 – Maria Madalena - Não, ele era tio do marido da minha irmã.

01:20:07 – Henrique Mariano – Tio do marido de sua irmã...

01:20:10 – Maria Madalena - Eu sei que a gente chamava a avó de Querida. Que era a mãe dele e o André contou.

01:20:15 – Socorro Ferraz - (inaudível) ...que ele era médico?

01:20:21 – Maria Madalena - Não, ele tinha uma mania de fazer o teste da árvore. Mandava a gente desenhar uma árvore. O que você desenhar numa árvore você sabe se a pessoa é assassina ou não, conforme você desenhe a árvore. Ele é uma das pessoas que se cita normalmente, chama Homero. Ele tem mais gente com ele na equipe C, mas eu não me lembro quem é. E a equipe A, quem era a equipe A? ...porque você era atendido por três equipes...equipe A...quem era da equipe A? Num me lembro...

01:20:59 – Roberto Franca – Madalena, enquanto você pensa na equipe A, havia diferenças de abordagens entre essas equipes?

01:21:05 – Maria Madalena - Era uma coisa quase combinada. Por exemplo, a equipe do doutor Homero chegava derrubando as coisas, me empurrava no chão, gritava, não queria saber se eu tava abortando ou não, o caos. A equipe B levou o médico para me atender. A equipe B me levou no hospital das clínicas, então, assim, não me tratava mal. Eh...tipo, aquela conversa mansinha. Então, logo uma prisão, que você fica louco pra chegar aquela equipe que você sabe que não vai te fazer nada. Sabe que vai ficar com aquela conversa mansinha, e que você tem consciência; então você dá uma relaxada. Tem uma síndrome de não-se-o-quê, chama isso, né? Que você sabe que aquele pessoal não vai acabar com a sua vida. Vão falar, falaram que... por exemplo, a equipe B, falaram que o Zé Carlos morreu como um herói, que não abriu nada. Depois que eu fiquei sabendo, eles falavam “é um herói, ele não falou nada”, ...então, é uma alento, você falava: “Ainda bem que ele morreu como um herói”, mesmo que você não sabia de nada. Esqueci quem era a equipe A totalmente; apagou da minha cabeça. Um dia se eu lembrar, eu escrevo para vocês e mando falando quem era a

equipe A (risos). Que eu lembro dos rostos, mas não consigo mais associar os nomes. Tem um tal de Cabral, que tem o cabelo liso assim; e tinha o cabelo mais comprido, liso. Tinha um rapaz bem juvenzinho, que é o que me levou a revista Veja. Tem um que falava demais, eu esqueci o nome dele. É da polícia. Ele que me levou comprimido, assim que eu soube da morte do Zé, ele levou o comprimido, que eu tomasse aqueles comprimidos.

01:23:00 – Roberto Franca – Madalena, quer dizer que tinha pessoas do exército e da polícia?

01:23:06 – Maria Madalena - Do exército e da polícia.

01:23:10 – Roberto Franca – A equipe A também era diferente das demais, cada uma...?

01:23:11 - Maria Madalena– Não, todo mundo... gente misturada...todo mundo tinha seu carcereiro, seu enfermeiro, e os interrogatórios e os que andam na rua também, tem aquele pessoal que saía na rua; eu saí muitas vezes na rua com eles. Eles punham dentro na C14, cheia de metralhadoras, e falavam: “Vamos dar uma batida num-sei-aonde!”, e eu junto...comigo lá. Aí paravam num lugar, mesmo sendo São Paulo, me deixavam sozinha. Eu hoje acho que eles queriam que eu tentasse fugir. Que aí me matavam e acabou a história. Sabe que não tem sentido num lugar deserto, ficar lá sentada. E eu ficava quieta esperando. Eles andavam. Eles estavam andando de noite na rua, viam, uma vez viram dois adolescentes mexendo num telefone público, desceram, quase mataram os dois meninos. Bagunça de adolescente. Quase mataram os meninos de bater.

01:24:02 – Roberto Franca – Nesse caso, eram policiais?

01:24:09 – Maria Madalena - Policiais e eles não fazem parte do interrogatório. Eles fazem parte de andar na rua. Sai pra rua. Sempre. E era uma C14, e o armamento, sem parar... Que é o mesmo tipo de C14 que foi me buscar em Belo Horizonte.

01:24:25 – Nadja Brayner– Como você ta dizendo, eles saíam na rua, assim de uma forma aleatória, sem ter uma missão definida...?

01:24:33 – Maria Madalena - Se saía, parava no centro da cidade. Saía, ia para um bar, param...e desciam. E eu ficava lá. Se eles estavam em alguma coisa, fazendo alguma coisa, eu não sei, porque eles desciam. Mas eu ficava lá dentro da viatura, esperando.

01:24:51 – Nadja Brayner – Sim, você ficava dentro da viatura?

01:24:52 – Maria Madalena - Nunca descia. Mesmo quando eles foram me buscar... num caminho em São Paulo-Minas, Minas-São Paulo, eles pararam num lugar para comprar comida. Mas eu não descí. Eu tava no maleiro. Sabe aquele maleiro da Veraneio que não é de fechar, né? É atrás, assim...eu tava lá e eles trouxeram lanche,

mas sem sair...eu não saí. Esse...eu sempre ficava sentada entre eles, e eles falando, conversando, e...que nesse período que eu tive presa, em 74, caiu o PCdoB, que eu vi gente do PCdoB que eu conhecia: a Dulce, mulher do Natário, foi presa no PCdoB, a mulher de Joaquim, como é que chamava? Que ela faleceu, foi colega do Zé..., a Carmen Lúcia Amaral, que é uma dentista do Rio, foi presa nessa época, são pessoas que eu vi, dentro da OBAN. Lá na OBAN, foram presas. Eh...a Carmen eu não conversei, mas a Dulce eu conversei. Nós conversamos. E ela já foi presa em consequência, porque a Carmen Lúcia era do PCdoB, o marido dela, que é um médico, Marcos, foi preso também, então esse pessoal tava preso. Então, esse pessoal que eles falaram que era assaltante de banco, que nessa época pode ter sido gente do Araguaia, num sei quem era. Num tenho a mínima ideia, num reconheci quem era. Mas pra eles falarem que era assaltante de banco, eles queriam dizer... eles tavam dando o recado que não era AP, pra mim. Que assaltante de banco era qualquer militarista, eles tratavam como assaltante de banco. Não sei se era, não tenho ideia, eu guardei que tinha um japonês, eu já procurei muito ver quem morreu em 74, quem foi preso.

01:26:54 – Nadja Brayner – Madalena, você está falando de 74: teve essa queda do PCdoB. Você lembra, em algum momento, de se falar no nome de Rui Frazão?

01:27:03 – Maria Madalena - Não...Rui Frazão eu conhecia.

01:27:07 – Nadja Brayner – Sim. Eu pergunto...

01:27:09 – Maria Madalena - Eu sabia que ele tinha sido assassinado. Eles falaram do Rui Frazão. Porque, entre as pessoas que apareciam, na sala, e davam recado, apareceu o Sérgio Fleury, que dava recado que o Rui Frazão morreu; eu conheci o Rui...

01:27:20 – Nadja Brayner – Sim, mas veja...só para eu entender melhor: você ficou presa até quando?

01:27:27 – Maria Madalena - Eu fui presa 22 de outubro, eu saí em março, algum dia em março.

01:27:36 – Nadja Brayner – Março de 74...

01:27:38 – Maria Madalena - Só dentro do DOI-CODI, eu não saí de lá.

01:27:40 – Nadja Brayner – Certo. De lá você foi solta?

01:27:42 – Maria Madalena - De lá eu fui para Belo Horizonte.

01:27:43 – Nadja Brayner – Porque você está falando das...sobre Rui Frazão, e a informação que se tem, oficial, não é? É que Rui Frazão teria desaparecido em maio, 27 de maio de setenta e quatro...

01:27:59 – Maria Madalena - é...eu tô lembrando agora...

01:28:00 – Nadja Brayner – Quer dizer que desse...em março, quando você estava lá, eles já tinham dito que Rui Frazão estava morto?

01:28:08 – Maria Madalena – Não sei se março ou maio...estava morto. Porque aí é o seguinte: teve... quem apareceu...apareceu o Sérgio Fleury que dava essa informação, apareceu...como é que chama?...Curió, o Curió do Araguaia foi na minha cela, e falou “Eu sou o Sebastião Curió, do Araguaia”, eu sabia que tinha uma coisa...num sabia o quê que era, sabia antes de ser presa que tinha coisa no Araguaia. Ele foi na cela. Na sala. E falou: “O PCdoB tá acabando. Tão matando todo mundo”. Era o Sebastião Curió, eu guardei bem a cara...e o sapato dele, ele usava um sapato branco. Era diferente do resto do pessoal. Teve outra pessoa...teve um tal de Elmo, Telmo, que é uma pessoa que eu não sei quem é...

01:29:07 – Nadja Brayner – Telmo...Telmo do PCdoB...

01:29:08 – Maria Madalena - Então, ele teve lá na minha sala, lá na cela... na sala, levado pelos torturadores, pra tentar me convencer a ir para a televisão e delatar todo mundo. Que ele tinha feito isso. Eu não sei se ele fez, mas eu guardei o nome dele. A conversa foi essa ,que eu falei com ele que não ia fazer isso, que era horrível o que ele estava fazendo e depois eles comentaram: “Por que você falou isso para o rapaz, ele tá arrasado!”; ou seja, o que é que eu ia fazer? Eh...teve...que mais? Bem...tem coisas, assim...por exemplo, o Hamilton, que é o Pedro Terra, ele tava na OBAN, quando eu estava lá. Ele fala que me viu com uma criança na sala de tortura. E que me deu um copo de leite e uma maçã. Eu lembro do copo de leite e a maçã, eu num lembro dessa história de criança...ele falou que entrou lá e deixou o copo de leite e a maçã. Eu tenho certeza, do copo de leite e a maçã eu lembro, tá ao meu lado. Ele ...e eu conheci o Hamilton de...a família dele era de Uberaba. Então, morava em Uberaba. A mãe dele era vizinha da gente. Mas eu não sei se é...se ele viu, ou não viu, eu nunca mais conversei isso porque eu não lembro dessa criança e sei que não era meu filho.

01:30:35 – Henrique Mariano – O Eduardo...

01:30:40 – Maria Madalena - é...que não era, porque o Eduardo já...porque quando eu estava na OBAN, o pai dele me procurou e pediu para levar ele para a França, que ele não tava bem, ele não podia ver uma calça vermelha, que eu fui presa com uma calça vermelha, achava que alguém tava me escondendo. Então o pai dele foi embora para a França com ele. Ou seja, até fazer o doutorado, não lembro quando ele voltou, mas eu já tinha saído da prisão, quando ele voltou. Eh...

01:31:00 – Manoel Moraes – Nesse período, tem também a informação, é...do desaparecimento de Fernando e Eduardo Collier. Na OBAN teve algum recardo sobre eles?

01:31:12 – Maria Madalena - é...teve...me perguntaram: “Você tem certeza?”, do Eduardo e do Fernando Santa Cruz. Eu não conhecia o Eduardo por Eduardo. Então falei que não conhecia. Ulisses!

01:31:24 – Manoel Moraes - Mas eu digo, dentro, quando você estava, alguém deu algum recado de que tinham sido presos, assim...?

01:31:28 – Maria Madalena - Não...perguntavam: “Você conhece..?”. porque eles faziam isso: “Você conhece fulano? Fulano morreu!” Isso eles faziam, tá? Eh...depois que eles falaram da morte do Zé, todo mundo que morria eles falavam: “Sabe o Honestino? O Honestino morreu.”, “Sabe o Luiz Carlos Machado?...”, que era uma pessoa que eu tinha muita referência, “...foi preso também, mas já foi solto, que ele é louco”, que Luiz Carlos Machado tomou pentotal na primeira prisão em 69, que ele foi preso em 69, e ele ficou falando da Seleção Brasileira da década de 70. Depois, ele foi preso outra vez.

01:32:07 – Henrique Mariano – Mas, com relação a Eduardo Collier, você chegou a conhecê-lo?

01:32:09 – Maria Madalena - Conheci...em São Paulo. Em São Paulo, quando eu tava começando a namorar com o Zé Carlos, nos encontramos na ...deixa eu lembrar o nome... Não sei se é a praça da Vila Mariana. A praça que tinha um banquinho, mas...São José de Belém, talvez, na praça ao lado da Igreja de São José de Belém. Eu conheci ele, encontrei com ele lá.

01:31:34 – Henrique Mariano – Ele na época militava em São Paulo?

01:32:36 – Maria Madalena - Militava em São Paulo; eu imagino que ele militava em São Paulo, que eu só encontrava com os militantes em São Paulo. E nós estivemos, em algum ponto assim, para passar alguma coisa para o outro ponto. Mas foi nessa ...ou na Vila Mariana, numa praça de Vila Mariana, ou São José de Belém, que era mais ou menos o lugar onde eu fazia ponto. Que eu já tinha o meu menino, tive de deixar meu menino com a vizinha para fazer um ponto. Não muito longe de onde eu morava. Tava...

01:33:00 – Henrique Mariano – Mas vocês o encontravam com frequência ou era uma coisa assim esporádica?

01:33:06 – Maria Madalena - Não. Eu não encontrava com frequência nenhum desse pessoal; eu encontrava com frequência em São Paulo, o pessoal que passou para o PCdoB. Todo mundo. Que eram as mulheres. Tinha uma célula, só de mulheres com os filhos. Nós fazíamos reunião carregando os filhos. Que é a mulher de João Batista Drumond, a Teinha, a Dalva, que era irmã da Dora, Dora...Doralina; eram pessoas que tinham filhos. A Maria Lúcia, que era mulher do Zé Celso, que era um estudante de medicina, ou seja... Maria Helena Teixeira...eram mulheres com os filhos fazendo

reunião. Que era o trabalho de integração com as massas. Os outros contatos normalmente era aquele ponto marcado, vai lá, com senha e tudo.

01:34:00 – Nadja Brayner – Eu queria voltar um pouco. A...tentar, vamos dizer assim, seguir uma certa cronologia das quedas que ocorreram, não é? Você sabia dos encontros de Zé Carlos? Quando ele saía com um ponto, você sabia quem ele ia encontrar?

01:34:20 – Maria Madalena - Não. O Zé Carlos era... Um período que eu sei: quando eu casei, ele era encarregado das relações internacionais do trabalho, ele tirava o pessoal do país. Quem tinha de sair do país, saía através do Zé Carlos. Eu sei porque eu preparava uns chocolates com microfílm, bombom para ele levar. Para essa pessoa sair. Depois, quando nós viemos para Recife, ele era do movimento estudantil, eu não. Então eu já não sabia mais o que ele fazia. Eu soube depois eh...anos depois, assim... no Rio, ele encontrou com Honestino, Umberto Câmara Neto, eh...

01:35:11 – Comissão – Collier?

01:35:12 – Maria Madalena - Collier, o Ulisses. Encontrou com essas pessoas no Rio. Encontrou inclusive o Luiz Raul Machado. Que o Luiz Raul Machado sabia que ele tava encontrando essas pessoas, porque estavam discutindo muito assim, volta pra vida legal, sai do país, ele tava discutindo essa questão com as pessoas, no Rio. Eh...eu sei porque o Luiz Raul, inclusive, comentou isso. Eu falava que eu queria voltar para a vida legal, o Zé Carlos foi lá no Convento das Dominicanas em São Paulo e pegou a segunda via do meu diploma. Pediu uma segunda via pra eu sair do...pra eu voltar para a vida legal. Sabe? Sair do país, já sair legalizada. Mas...bem, outra coisa: quando...agora já não tô lembrada se foi aqui em Recife pra Salvador, só pode ser Recife-Salvador...não, pode ser Salvador-Rio...eu levei o Zé Carlos na rodoviária. E eu tava desesperada. Deu uma sensação de que eu nunca mais ia vê-lo, que de fato...é Salvador-Rio, que Recife-Salvador eu vi ele...que eu nunca mais ia vê-lo e pedia pra ele não ir. Pra ele ficar. Que não viajasse, que ele ficasse, que ia ...num tinha mais jeito. Aí na hora que eu fui despedir dele, eu falei: “Vou entrar no onibus!”, ele falou: “Não entra não que tem um companheiro aí.”, o companheiro era o Umberto...

01:36:40 – Manoel Moraes – Umberto Câmara...

01:36:41 – Maria Madalena - Sabe? Depois eu soube que era Umberto Câmara. Mas eu não entrei dentro do onibus pra não ver quem era. Mas você perguntou onde estava Gilberto...com uma bolsa a tiracolo, tava com a gente.

01:36:54 – Nadja Brayner – Veja, isso, eh...teria sido entre o dia 4...

01:36:56 – Maria Madalena - de outubro...

01:36:57 – Nadja Brayner - ...e o dia 6, de outubro...

01:36:58 – Maria Madalena - De outubro, é...

01:37:06 – Nadja Brayner - Aí você...antes você falou que aí fez uma referência a uma data, mais adiantada, 12 de outubro. Alguma coisa assim...

01:37:14 – Maria Madalena - Doze de outubro foi o dia que eu tirei a documentação. Que eu já sabia que tinha caído São Paulo: o Zé Carlos não deu notícia, eu fui tirei a documentação...

01:37:22 – Comissão – Veja, aí, o...vamos dizer assim, o Umberto...Zé Carlos, apanhou esse ônibus na rodoviária, nesse ônibus, por coincidência, Umberto estava lá..

01:37:38 – Maria Madalena - Deve ter sido alguma coisa combinada... Que não era coincidência...

01:37:42 – Nadja Brayner – Certo...

01:37:43 – **Maria Madalena** - Que ele não tinha...eu cheguei de taxi com ele, vou levando para o ponto, ele falou: “Não entra que tem um companheiro”, então eu acho que era uma...tinha saído de Recife como eu ...

01:37:53 – Nadja Brayner – Então ele vai para o Rio de Janeiro, ...

01:37:58 – **Maria Madalena** - Pra Santa Tereza, especificamente Santa Tereza...

01:37:59 – Nadja Brayner – Encontra com Umberto dentro do ônibus, marca um encontro com Umberto para o dia oito de outubro, tem o encontro com Umberto, depois do encontro, quando Umberto ia voltar para o apartamento onde ele estava, ele desapareceu...foi preso.

01:38:18 – **Maria Madalena** - Oito de outubro era a data máxima que o Zé Carlos deu: "Eu te mando um telegrama dia oito de outubro", e não mandou. Ainda esperei quatro dias.

01:38:31 – Nadja Brayner – Sim, mas... mas então, aí nessa data de oito de outubro, Umberto teria sido preso. Ele marcou, tinha um ponto também com Honestino... No Rio.

01:38:42 – **Maria Madalena** - Isso o Gilberto fala na transcrição...

01:38:47 – Nadja Brayner – No dia 10, então, Honestino desaparece...

01:38:49 – **Maria Madalena** - Desaparece...aí ele tem um encontro, não sei se foi com o Eduardo Collier, que isso o Gilberto comenta, ou seja, o Gilberto assume cada pessoa que foi presa com consciência. Que essas pessoas...que ele encontrou, Paulo Stuart Wright, ele assume com consciência...antes do Zé Carlos... da gente vir pra Recife, lá em São Paulo, Zé Carlos encontrou com Paulo Stuart Wright, como eu encontrei também. Nós estávamos discutindo mais a história de separação...

01:39:16 – **Nadja Brayner** – E o Paulo, ele desaparece no dia 5 de setembro...

01:39:21 – **Maria Madalena** - Cinco de setembro...nós estamos...ainda estamos eh...

01:39:24 – **Nadja Brayner** – Vocês estavam em Salvador...

01:39:27 – **Maria Madalena** - Então...não...mas a gente encontrou Paulo antes e o Gilberto ...o Gilberto deve ter me encontrado...eu tenho essa data em algum lugar. Ele tem um período que ele fala que trabalhou para a repressão. Então...parece que é janeiro de 73 a 1984. Esse é o período que ele fica junto, porque, eu tenho certeza, que é mais ou menos a época que eu encontrei com ele, porque eu entreguei o Dorival, ele tinha acabado de completar um ano. Tava perto de uma ano de idade. Ainda não andava, quando ele foi para a casa de Mata Machado. Então esse período ele fez aniversário em 73, ele nasceu em 72, então esse período que o Gilberto entrou em contato. E onde eu fui, Gilberto...em nenhum momento ele deixou de estar comigo ou com o Zé. Ele era uma pessoa de extrema confiança, ele participava...trocar a camisa, e era uma pessoa que a gente discutia as coisas da reunião.

01:40:22 – **Nadja Brayner** – Mas olhe, Madalena, veja só: quando você começou o seu depoimento, você disse que o primeiro encontro que teve com Gilberto em São Paulo, ele lhe procurou, e que ele formulou várias perguntas, que você achou suspeito e naquele momento você já fez uma observação pra ele, no sentido... se ele não estaria colaborando com a polícia. Não é? Você ficou, como a gente chama assim, com a “pulgã atrás da orelha”, não é? Pela forma como as perguntas...

01:40:54 – **Maria Madalena** - O jeito de perguntar, onde é que tá fulano e cicrano...

01:40:56 – **Nadja Brayner** – Cadê fulano? Cadê cicrano, não é? Você já ficou com essa preocupação. Posteriormente, no seu depoimento, em diversos momentos, você diz, eh...quase como se soubessem que estavam sendo vigiados constantemente...

01:41:14 – **Maria Madalena** - Sabíamos, a gente via as pessoas...

01:41:19 – **Nadja Brayner** – Permanentemente. E aí, eu...nesse espaço de tempo, você falou que as suas crianças estariam com Mata Machado, com a família, não é? Dr. Edgar. E que, num determinado momento, porque o mais velho, o Eduardo, não estava bem, você o trouxe para Gilberto

01:41:41 – **Maria Madalena** - Pra Paulo...

01:41:42 – **Nadja Brayner** – Aí eu pergunto: ...e levou para o sítio com você, não é? Por que você teria feito isso, porque aquele momento era um momento extremamente grave, quer dizer, de todos os momentos que vinham ocorrendo, não é? Aquele era profundamente grave, e uma prisão ou alguma coisa...

01:42:05 – **Maria Madalena** - Então, mas...já tinha vivido isso antes...

01:42:06 – **Nadja Brayner** – Sim, eu sei! Mas você optou junto com ...de trazer ...e você não pensou naquele momento nos riscos que poderiam advir pra ele, que esse tipo de...

01:42:21 - **Maria Madalena** - ...De abandonar o barco...nada, nada, nada...quem telefonou pra mim e me procurou lá em Belo Horizonte e falou que o Eduardo não tava bem, ela chama Dorila, era casada com Valdo Silva, que é o irmão do Everaldo Silva, que é o pai do Eduardo. E ela falou “Madalena, ele não tem condições. O Everaldo levou para a casa da mãe, e ele grita sem parar, ele fica em pé no berço andando, pra lá e pra cá, querendo andar de ônibus. E falando em você”. Eu não pensei duas vezes.

01:42:51 – **Nadja Brayner** – Mas ele já tinha já quase quatro anos, não é isso? Três anos e...

01:42:55 – **Maria Madalena** - Três anos. Ele tinha uns três anos, porque ele foi preso com três anos e meio, mais ou menos.

01:43:00 – **Nadja Brayner** – Quase quatro anos...

01:43:02 – **Maria Madalena** - Nem sei de foi três anos e meio, porque ele faz aniversário em julho. Então ele nasceu em 69, tem 70, 71, 72...quase quatro anos. Eu não pensei, porque o tempo todo eu fui contra entregar as crianças. Eu entregava e falava assim “Nunca mais nós vamos ficar com essas crianças”. Por que? Porque vai criar uma...pra você ter uma ideia, quando eu entreguei...tem umas fotografias do Dori, que eu falo que é... parece um passarinho. Ele é magrinho, bem carrinho pequeno, fazendo assim...que ia fazer um ano. Já na casa da minha sogra, em 74...em 73...uma das vezes que eu fui em Belo Horizonte, eu saía de São Paulo e ia até Belo Horizonte vê-los. Foi quando eu resolvi trazer o Eduardo. A irmã do Zé chegou com um menininho, com uma calcinha de veludo, camisinha branca...

01:43:59 – **Nadja Brayner** – A decisão de trazer o Eduardo, você tomou conjuntamente com o Zé Carlos ou foi decisão sua?

01:44:01 – **Maria Madalena** – Não, sozinha. Eu num sei onde ele estava, ...eu achava que tava em Recife, depois, quando Joaquim falou que ele ficou três meses em São Paulo, então ele tava em São Paulo. Eh...tomei, mas eu falei com o Dorival, o Jair Ferreira de Sá, falei por telefone “eu tô levando! Eu não vou deixar meu filho nessa situação”. Eu morava numa casa, com uma nutricionista, eu falei “Eu vou levar. Não discutam, eu vou levar”. Ele ainda pediu para eu não levar, eu falei: “Vou levar. Eu não vou deixar...o Dori tudo bem, é pequenininho, mas eu não vou deixar o Eduardo, que durante toda a militância o Eduardo esteve comigo”. Nos momentos mais difíceis, quando tinha repressão; ele ficava pouco tempo com o pai. Mas o pai não ficava com ele, entregava para a mãe, que era em Juiz de Fora, o pai morava em Belo Horizonte. Então, ele sempre tava indo para uma casa que ele não tinha referência. Aí eu...ah...me falaram uma vez que era ...tinha um filme que é... Como é que chama...que a mãe tem dois...é um filme famoso...ela tem dois filhos, uma filha e um

filho, um ela tem de entregar pra Gestapo, ..."A escolha de Sofia"!! Foi a escolha de Sofia: o Dori fica, o Eduardo não fica. Foi uma decisão emocional, mas eu tava consciente que ia correr risco, mas que eu não ia deixar o Eduardo mais. Conversei com o Zé e falei "Tô levando o Eduardo, não vou deixar mais". Eu fiquei muito, muito, muito mal quando eu deixei as crianças; eu não conseguia conversar, eu só fazia chorar, porque eu falava: "Eu tive os filhos pra fazer a revolução socialista, no primeiro momento difícil, nós descartamos os filhos e entregamos pra família burguesa", ou seja, era contra tudo o que a gente arrotava de verdade.

01:45:49 – **Manoel Moraes** – Madalena ,nós temos na literatura, não é, um comnetário que você faz com Gilberto Prata. Queria voltar mais a esse diálogo seu com ele...

01:46:11 – **Maria Madalena** - Tudo bem...

01:46: 12 – **Manoel Moraes** – Por exemplo, no depoimento, em 92, a revista Veja, de Marival, (é um sargento do exército, você conhece), ele dá um depoimento. E segundo o relato, você orienta Gilberto a ir à comissão e...

01:46:30 – **Maria Madalena** - é...eu dava...morava no Rio...eu assiti os depoimentos...de Marival

01:46:31 – **Manoel Moraes** – Isso.. Aí eu queria que você comentasse isso...se conhecia Gilberto, se conhecia Marival...e no depoimento...

01:46:41 – **Maria Madalena** - Conheci Marival na OBAN...

01:46:42 – **Manoel Moraes** – Isso, e no depoimento você diz assim, me parece um texto reproduzido, " Gilberto, é hora de você falar, porque Marival vai falar!"...vocês corriam algum risco?

01:46:52 – **Maria Madalena** - ...ou calar pra sempre...Marival vai falar...eh...eu...não pensei. Eu conheci Marival no Rio, ele fazendo o depoimento. Mas eu já tinha conhecido Marival na OBAN, que ele era do setor de informações. Vinha aqueles papéis em folha corrida, de computador, ele marcava de vermelho tudo que você estava mentindo. Chegava aquelas folhas, assim...e ele ia lá junto: "Aqui é mentira, isso aqui é mentira, isso aqui é mentira...". Eu tava morando no Rio e vi o Marival, teve...eu fazia parte do grupo "Tortura Nunca Mais", já tinha feito em Belo Horizonte...

01:47:28 – **Roberto Franca** – Madalena, desculpe...fale um pouquinho mais sobre ...ele se apresentava na OBAN?

01:47:35 – **Maria Madalena** - Na OBAN, como setor de informações, checar as informações. Ele vinha com uma caneta, um lápis vermelho, ...

01:47:45 –**Roberto Franca** – E ele entrava em contato com os presos?

01:47:46 – **Maria Madalena** - Com os presos...eu conheci ele dentro da OBAN. Dentro da OBAN, que quando ele foi no Rio ele falou “eu te conheci na OBAN”...

01: 47: 56 –**Roberto Franca** – Porque nos depoimentos dele, ele sempre diz que ele era um homem de informações, como se ficasse num escritório, fazendo análise de informações...

01:48:01 – **Maria Madalena** – Não, não. Eu conheci dentro da OBAN, ele chegou com essa folha de computador, lembra quando era a impressora desse tamanho, a folha corrida, ele chegou com essa folha, sabe? Por causa que era verdinha e branca, verdinha e branca, ele chegou com essa folha. Quando eu tive no...ele fez o depoimento no Rio, eu morava no Rio, fazia parte do grupo “Tortura Nunca Mais” lá, com esse mesmo grupo que tem até hoje...eu vi o depoimento dele. Eu fui lá ver. No meu depoimento eu falei: “Você conheceu o Gilberto Prata Soares?” Ele falou “Não!”. Eu falei: “Quem era o infiltrado na AP?”, ele olhou pra mim e ficou calado. Ai eu falei “Ele sabe que era o Gilberto!”. Aí, eu liguei para o Gilberto, no Rio, liguei e falei: “Olha,o Marival que é um cara da OBAN, tá fazendo o depoimento, tá entregando o que ele sabe, ou você fala agora – porque eu já sabia a história de Gilberto, de 83... Tá?

01:49:05 – **Manoel Moraes** - ...de 83...

01:49:07 – **Maria Madalena** - Ou seja, o Gilberto...eu fui presa em 73... Dez anos depois ele contou a história...

01:49:10 – **Manoel Moraes** – Então...só pra remontar essa parte: nesse período você já militava no “Tortura Nunca Mais”, você nunca contou do seu irmão infiltrado?

01:49:22 – **Maria Madalena** - Num sabia...né? Eu só soube do Gilberto em 83...

04:49:22 – **Manoel Moraes** – Você já sabia em 82...83, mas você passa a militar depois disso?

01:49:30 – **Maria Madalena** - Não...em 80, eu tô em Belo Horizonte, eu já militava na campanha dos mortos e desaparecidos, que tinha, uma comissão...era no movimento da Terezinha Zerbini, o movimento pela anistia feminino, que é com Ângela Pezzudi, esse pessoal de Belo Horizonte, levantando quem tava no (...), quem era exilado, quem era morto, desaparecido.

01:49:30 – **Manoel Moraes** - CBA...e tal...isso. Mas todo esse movimento de militância, de direitos humanos, você vai continuando....mas preservando, digamos, a imagem de Gilberto.

01:49:59 – **Maria Madalena** - Em 80, eu não sabia...a partir de 83, eu comecei a contar em São Paulo, no Rio eles sabiam que era meu irmão. Inclusive, eu fiz um depoimento, um dia dei um depoimento lá no Rio, eu conto que era o Gilberto. O que é que ele tinha contado, já sabia...depois de 83, porque eu estou em João Pessoa, em

83, eu volto para o Rio. Ai, eu contei, fiquei um tempo no Rio, contei. Fui para Brasília, contei também. Tem um...

01:50:27 – **Manoel Moraes** – Mas a abertura real...de todo o esquema se dá na Comissão, quando então Marival começa a depor...

01:50:33 – **Maria Madalena** - Ele começa a falar...e aí eu conversei com a Cecília, que era lá, eu falei “Ele sabe de Gilberto”, Cecília sabia, eu falei “Eu vou pressionar o Gilberto”, falei “Ou você fala agora, ou o Marival pode falar”. Porque se você pensar bem, Gilberto falou a coisa em 73, ele conta em 83, e o que acontece, tá prescrito, eu não podia fazer nada contra ele. Em 96, menos ainda, ou seja, ele vai dando um prazo, de dez, vinte anos, que ele vai...aí, falei com o Nilmário, liguei para o Nilmário, falei “Gilberto vai contar o que sabe”. Porque até esse momento...

01:51:15 – **Manoel Moraes** – Mas no depoimento dele na...Comissão, você chegou a acompanhá-lo? Nesse depoimento?

01:51:21 – **Maria Madalena** - Não, não fui.

01:51:21 – **Manoel Moraes** – Ele cita várias vezes você. E no depoimento ele deixa claro que você é que teria mais informações complementares, que a memória dele estaria vaga...

01:51:30 – **Maria Madalena** -Por causa das fitas...as fitas...

01:51:33 – **Manoel Moraes** – Ele deixa entender que você tinha as fitas...

01:51:37 – **Maria Madalena** - Eu tinha, mas ele não sabe que eu tinha entregue as fitas...eu tinha as fitas e a carteira fria dele. Ele tinha um documento frio chamado Fernando Oliveira.

01:51:45 – **Manoel Moraes** – é...ele cita isso no depoimento.(voz atrás diz que o Giberto já tinha dito no depoimento que as fitas tinham sido entregues ele não sabe a quem)...é....

01:51:52 – **Humberto Vieira de Melo** – No depoimento ele já diz que tinha feito as fitas com a irm, e com a cunhada, mas que isso tinha sido entregue à ONG, ele diz isso.

01:51:57 – **Maria Madalena** - Porque eu não ...era uma bomba atômica na minha mão...de uma pessoa, você imagina, ainda nós estamos no período de ditadura, e eu com ...como ele contou pra mim, se ele contasse pra alguém...porque tinha um tal de General em João Pessoa que vivia entrando em contato. E eu com aquelas fitas lá...que ele vai contando tudo, "...é o Miranda, que andava comigo, com quem eu falei, é o fulano de tal, do CIEX...", ele vai contando o nome das pessoas "...em Brasília, foi CIEX, que eu fiz acordo, eu fui lá", então, o mais rápido que eu pude tirar, eu não lembro quanto tempo, mas saiu da minha mão. Eu não queria ficar com aquilo. É...aí

ele resolveu fazer esse depoimento, mas foi forçando a barra mesmo, porque quando entregamos para a AP, em 83, a gente esperava que se fizesse alguma coisa, num foi feito nada. A AP não procurou saber dos mortos, como é que não houve "...falou fulano morreu, cicrano morreu", mas mais nada. Ninguém, nós não ficamos sabendo, que saiu atrás da história do Honestino, que nada!...eu não fiquei sabendo e não fizeram de fato. Aí, era forçar a alguém que tem de tomar posição. E até esse período, tinha muita gente que achava que eu tinha entregue o Zé, independente do Zé Carlos ter sido preso primeiro. Sabe? Era eu que tinha entregue.

01:53:31 – **Henrique Mariano** – Quem achava isso, Madalena, quem achava, você diz que muita gente achava...que eram, quem, por exemplo, achava que você teria entregue o José?

01:53:38 – **Maria Madalena** - é...o dia da minha qualificação, na primeira auditoria, ninguém conversou comigo. Estavam todos os militantes da AP...acho que era a qualificação...ninguém conversou. Um pouquinho antes, da qualificação, não...na qualificação, foi ...tava os Mata Machado e a mãe da Beatriz Bachiere. Foi. Falou: "Eu vim aqui, porque eu sei que você viveu uma odisséia..., eu sou mãe da Beatriz Bachiere, quero acompanhar". Foi lá para dar apoio. Depois da qualificação, tem outra coisa, que eu não lembro como é que chama, estavam todos os militantes. Ninguém conversou comigo. Ninguém. Aí depois, quase no final, o Oto chegou pra mim e disse: "Você sabe o que você fez, né?", "Não, o que é que eu fiz?". Não falou. Saio, passam os anos, os anos vão passando, eu encontro com a Bizé; Quando Jair Ferreira de Sá morreu, que eu acho que é 86, mais ou menos, ...84, 86. Ela fala "Você entregou o Zé Carlos!", eu falei "Não! O Zé Carlos foi preso primeiro do que eu", e isso não tinha nem jeito de contestar porque eu não sabia nem os caminhos, não. Tava com os Mata Machado, que eu podia falar "fiquei louca, entreguei", não...quem cuidou da vinda do Zé Carlos foram os Mata Machado, eu tava no sítio. Eu não planejei. Depois falaram que num dos documentos que eu apresentei, não sei se foi para a anistia, que eu era amante, que a gravidez que eu tive era do Capitão Ubirajara. Eu fiz um aborto, naquelas condições na sala de tortura, do filho do Capitão Ubirajara. Se fosse, de fato, eu podia ir para um lugar melhor, e era, eu tenho testemunha de que estava grávida. O Gilberto sabia que eu tava grávida. E a Adelaide Laís, que era a menina de Salvador, sabia. Eu nunca mais achei essa Adelaide Laís, já procurei na internet, ela é cearense, eu queria achar, para descobrir se o Luiz era o marido dela. Sabe, que o Zé Carlos falava, que era o rapaz do banco. A única pessoa do banco que eu conhecia era o marido dela. Então...depois uma vez, o Oto Filgueiras foi lá, em Brasília, ele falou "você sabe o que você fez?", falei "o que é que eu fiz?", "não, você sabe...". Aí eu tomei uma decisão, quando eu tava em Uberaba; a seguinte: eu fui para Uberaba em 98, telefonei para várias pessoas, falei "Tô cansada de vocês falarem que eu sei o que eu fiz. Vocês já falaram para o meu filho mais velho, então ele não sabe, então vocês tão criando uma situação, então o seguinte, a primeira pessoa que falar, eu vou processar, pra pessoa falar. Porque já que vocês estão falando, que eu sou da repressão, então agora eu vou a fundo, vocês falam e eu abro um processo". Nunca

mais ninguém falou. Pararam e voltaram até a conversar comigo. Ou seja, Beatriz Bachiere na posse do Lula, eu encontrei com ela em Pirinópolis ela veio conversar comigo. Mas era o seguinte: ou conta para mim o que eu falei, se vocês falam que eu tava doida, que Osvaldo fala que eu tava doida no livro, a Bizé fala que eu tava doida, e vocês falam que eu fiz uma coisa que eu não lembro o que era, então eu quero isso bem claro. Que que é que eu fiz? Que eu falei “eu tinha uma...”, aí perguntei para o Oto “eu entreguei alguém?”, “Não! Num tinha mais ninguém pra cair.”, eu falei “Tinha. A Grauninha podia ter sido presa. E eu não entreguei a Grauninha”. Eu sabia onde ela estava, e ela não foi presa. A Grauninha, a Socorro Santos.

01:57:22 – **Manoel Moraes** – Mas, Madalena, veja...nessa questão do processo de infiltração, então, além de Gilberto, existiam outras pessoas que você sabia que eram infiltrados? Quem eram?

01:57:33 – **Maria Madalena** - Ele fala...ele fala de uma tal de Maria Aparecida, que eu não lembro...

01:57:40 – **Manoel Moraes** – Maria? Maria Aparecida?

01:57:41 – **Maria Madalena** - Aparecida...o codinome dela era Nádia, ela é de Goiania. Ela perdeu um dedo, esse dedo na metalurgica, deu um problema desse aí...

01:57:54 – **Manoel Moraes** – Ela compunha uma rede que ele constituiu?

01:57:55 – **Maria Madalena** - Ele falou nela e falou no marido dela.

01:58:01 – **Comissão** – Quem era o marido dela?

01:58:02 – **Maria Madalena** - Não lembro agora, eu sei que ele chama Hilário, é o nome verdadeiro, o outro eu não lembro. Ele falou nessas duas pessoas e fala bem claro.

01:58:09 – **Manoel Moraes** – No processo do depoimento dele, ele deixa algumas coisas em aberto. Por exemplo, quanto é que ele recebia do serviço?

01:58:15 – **Maria Madalena** - Não fala. Eu tenho...nesse material que eu entreguei para vocês ontem, tem a carteira profissional dele, eu tenho impressão que lá fala quanto que ele recebia. Mas eles pagavam pensão para ele, alimentação, ele não tinha nenhum gasto. Essa história de vir para o Rio comigo, tudo isso, e Salvador-Recife, ele não gastou nada.

01:58:40 – **Manoel Moraes** – Tudo era pela operação do serviço de repressão.

01:58:43 – **Maria Madalena** - Ele mantinha a mulher e os filhos, e a mulher e os filhos estão em Goiania. E não sabe que ele...estão em João Pessoa.

01:58:52 – **Manoel Moraes** – Ele assinava recibos, às vezes com nome falso, às vezes com o próprio nome dele.

01:58:53 – **Maria Madalena** - Com o próprio nome dele, e ele tinha dois filhos pequenos,... A Carolina e o Gustavo, e ele mantinha a mulher e os filhos com ele. A mulher dele só descobre que ele tava na repressão em 83, que a gente tá em João Pessoa. Foi quando eu fiquei sabendo.

01:59:11 – **Manoel Moraes** – E com Marival? O que é que ele falava de Marival? Porque no depoimento na Câmara, no Congresso, na Comissão Externa dos Desaparecidos Políticos, ele meio que descredencia muito do que Marival coloca...por que essa divergência? Com Marival?

01:59:29 – **Maria Madalena** - Eu acho que ...o tempo todo a equipe A descredencia a B... Cada um é melhor ...eles disputam quem é melhor. Quem matou mais, quem tem mais informação...Gilberto ficou muito impregnado dessa coisa de ...da repressão:" Ah, aquele lá é "bunda de pinguim".

01:59:59 – **Manoel Moraes** – Isso...é o termo que ele usa...

02:00:00 – **Maria Madalena** - é...ele fala como se ele não fosse também...sabe? Ele toma..na fita...é chocante porque tem hora...ele é meu irmão... Tem hora que ele é um ex-militante, tem hora que ele é a repressão. Ele falando.

02:00:17 – **Manoel Moraes** – Ele veste a fantasia...

02:00:19 – **Maria Madalena** - Veste e vai embora, e fala pela repressão...

02:00:20 – **Manoel Moraes** – Ele se revela, não é? A fantasia, de certa forma, era o que ele não era...

02:00:23 – **Maria Madalena** - Eu lembro que nós ligamos para o Ricardo. Eu e a Eleonora, aí o Ricardo falou “Fulano é nosso irmão”...falou “sangue não existe! Deixe de bobagem! Não existe que é o seu irmão”...que eu fiquei...o primeiro depoimento que foi feito na minha casa, eu fiquei chocada. Eu fui para a Universidade, atrás da Eleonora, a Eleonora falou, olhou pra mim e disse “O que que aconteceu? Você está com os olhos estatalados!”, eu disse aconteceu isso, ela falou “Então vamos arrumar mais fitas e vamos levar o Gilberto lá pra casa!”. Aí eu fui pra casa dela. Porque, ele falou “Eu tenho uma coisa pra te contar”, ligou o gravador e falou “Eu que sou responsável pela morte de Zé Carlos”, então eu tava em estado de choque, ou seja, porque que contou só agora? Né? Anos depois...depois com os anos você vai entendendo. Mas eu acho que ele...é...como ele fala que ficou até 84, ele, ele virou a polícia. Sabe, ele tinha as crises de consciência, cantava as músicas que Zé Carlos gostava,mas ele contava “eu tava bebendo com o General...”, como se todo mundo saísse pra beber com o General...e nesse período, enquanto ele esteve em João Pessoa, eu conversava muito com ele, eu não me afastei dele. Só vou afastar...eu saio de João Pessoa, volto para o Rio...

02:01:58 – **Manoel Moraes** – Mais ou menos nesse período (inaudível, alguém fala fora do microfone)...

02:02:01 **Maria Madalena** - – é...isso. Ele tá em João Pessoa. Isso é o depoimento dele em João Pessoa. Que ele ajudou a fundar o PT em João Pessoa. Aí o que é que ele faz, ele tenta (se) suicidar, ele faz drama, ele tinha uma namorada, fazia um drama, a namorada ia correndo me chamar...a hora que ela falou “Ele entrou para o AA”, eu disse: ele devia entrar para o aranon, que chama, né? Ananon. Ele fez “não! Eu não vou entrar, não vou acompanhar essa história”. Mas acompanhei ele muito tempo. Até...84 teve a festa junto, né? 74...aí, quando foi ...fiquei acompanhando, mas tem um período ...90...89, 90...fiquei dois anos em Cuba, fiquei em 90 até 92, quando eu tava para ir pra Cuba, ele falou “Eu vou pra Cuba também”, eu fiz “Não...chega!! Você não vai pra Cuba! O que você vai fazer em Cuba?”, “Ah vou acompanhar o trabalho de vocês...”, se ele já tinha falado que trabalhou até 84, imagina se eu vou levar, e não tinha... não cabia ele no meio, que eu tava casada com um cineasta e ia para a escola de cinema. Eu e o meu filho caçula. Aí não deixei ele ir. Eu falei “Se você for, eu chego lá e te denuncio, na hora!”. Passou, quando chegou 98, eu já tô em Uberaba, a família resolve fazer outro encontro familiar...na brincadeira...morreram quase todos, acabou os encontros com os irmãos. Que aí entre irmãos não dá certo com as mulheres e os filhos, e aquela confusão...

02:03:45 – **Nadja Brayner** – Madalena...era isso que eu ia perguntar: Vocês são seis irmãos, não é isso?

02:03:51 – **Maria Madalena** - Eramos seis...

02:03:51 – **Nadja Brayner** - Eram seis...todos os seis eram militantes políticos?

02:03:54 – **Maria Madalena** - Não...o Estanislau era bem reacionário, trabalhava com ruralistas; o Ricardo era militante. O Jorge Henrique, foi a primeira vez que eu fui delatada por meu pai, que eu tava fazendo um trabalho com a AP, foi o Jorge que contou para meu pai. De madrugada, que eu saía para fazer militância. O Gilberto, eu e a Marta. A Marta não era militante.

02:04:24 – **Nadja Brayner** – Então eram três militantes...você, o Ricardo e o Gilberto.

02:04:29 – **Maria Madalena** - É.Foi um longo período para minha família aceitar... Hoje eu tava conversando isso com a Socorro. Que o Gilberto tinha entregue. Eles achavam mais fácil achar que eu era ...ter entregue, do que o Gilberto, porque o Gilberto era muito...ele é...q.i!! Um q.i. muito alto, muito inteligente. Como é que ele faz esse estrago numa organização? Que é o que nós sabemos que ele foi da POLOP e do POC. Também, eu não sei se ele fez alguma coisa por lá. Eu sei da AP. Mas ele foi mais de duas organizações. Aí, nesse encontro que a gente ia ter em 90, em 98...era uma festa de ano novo, eu não fui já, porque ele ligou pra mim, falou “Eu já te perdoei, você já me perdoou?”, eu fiz “Você me perdoou de quê? Eu não fiz nada contra você!”. Logo depois, o Ricardo tinha feito..tava com câncer na próstata, operou,

ele falou “O Gilberto me ligou agora mesmo pra ir para o ano novo perguntando se eu fui capado...”, falei “então não vamos na festa”, aí não fomos e nunca mais conversamos. A gente rompeu de fato com o Gilberto. Mas ele era...eu não sei se antes ele era assim...eu acho que ele tinha...ficou com duas personalidades, sabe? Uma ..é..afetiva e a outra, ...você não fala para um irmão que acabou de sair do hospital, “você foi capado?”, aí você...era um drama, é um drama para qualquer homem, era um drama para o Ricardo, né? E fala assim como se estivesse falando para qualquer coisa, normal.

02:06:44 – **Manoel Moraes** - Ok...vamos fazer um intervalo, Madalena, de cinco minutos, pra que a gente possa...

02:06:45 – **Maria Madalena** - Vocês...eu me perco um pouco, então vocês podem perguntar...

02:06:47 – **Fernando Coelho** - Vamos fazer um intervalo e a seção será reiniciada dentro de dez minutos.

00:17 – **Maria Madalena** – Eu queria só encerrar o caso do Marival. Seguinte: eu acho que o primeiro depoimento que o Marival fez foi no Rio de Janeiro para o grupo Tortura Nunca Mais. Daquele pessoal que eu convivia na época, a Cecília Coimbra participou dessa reunião. Tinha a Flora também, mas ela....a Flora não...eu me lembro da Cecília Coimbra e da Flora. Que a gente fazia reunião no sindicato dos jornalistas.

00:47 – **Manoel Moraes** – Foi ela, a primeiro a ouvi-lo, não é?

00:48 – **Maria Madalena** – Eu...eu acho que foi a primeira vez depois que ele foi pra Câmara. Outra pessoa que poderia dar a informação, do Gilberto, que inclusive tem a memória...que eu tive período muito grande na minha vida que eu queria apagar essa história da minha vida. Não que eu fugi muito disso, não. Ou seja, eu morava num lugar que ninguém sabia a história da minha vida. Então, em 80 eu vim para João Pessoa. Morei até 83. Ninguém sabia que eu era militante, e a história da minha vida. Saí de João Pessoa, fui para o Rio, já morando com um rapaz. Ninguém sabia. No Rio ficaram sabendo quando saiu uma vez uma notícia no jornal. Aí as pessoas com quem eu trabalhava, que era com papel reciclado, falaram “ôi, você tá no jornal!. Aí foi quando Gilberto fez a... Que eu não lembro quando foi, o depoimento na Câmara.92, que elas viram.

01:51 – **Manoel Moraes** – 17/12/92...

01:53 – **Maria Madalena** – É... O pessoal que trabalhava comigo que viu...

01:55 – **Manoel Moraes** – O depoimento de Gilberto é 17 de dezembro de 92?

01:58 – **Maria Madalena** - Então... Eu tava morando...eu tinha voltado...eu já tinha ido para Cuba e voltei. Voltei. É.... Depois eu ...do Rio, eu fui morar em Brasília. Já com o pessoal que era...trabalhava com a Maria José Jaime, que tinha sido a mulher do Jair Ferreira de Sá, na campanha da fome. A Maria José sabia a minha história. Mas mais ninguém. Com quem eu trabalhei não sabiam a minha história de militância. Até 96, quando eu entro com um processo...quando Fernando Henrique falou da questão dos desaparecidos, eu escrevi uma carta, que eu acho que está nos documentos, falando porque que não entravam os mortos, que morreram na prisão. Que aí as pessoas ficaram sabendo, mas até esse momento...aí eu voltei para Uberaba, fiquei um tempo em Uberaba, porque aí as pessoas sabiam, mas as pessoas, é...ou tentam perdoar o Gilberto, porque ele tinha virado ...carismático, e falava muito da religião, a minha família, é muito católica, a de Uberaba. Tem muita gente carismático.

03:16 – **Manoel Moraes** – Gilberto se tornou protestante carismático, é isso que você quer dizer?

03:16 – **Maria Madalena** – Não...católico! É o do Marcelo Rossi...

03:22 – **Manoel Moraes** – Católico carismático, certo...

03:22 – **Maria Madalena** – É...e aí ele...tem muita gente da minha família, é ...inclusive tinha gente, tias, que fala que o Zé Carlos tinha que morrer mesmo, era comunista, então acham natural isso. Depois eu fui de Uberaba, quando meu caçula veio para Brasília; a Bizé me chamou para vir para Pirinópolis, eu vim, em Pirinópolis quase ninguém sabe. É uma vida...num contava...as pessoas sabem que eu fui militante, mas eu não entro... A pouco tempo em Pirinópolis quem é amigo meu no...facebook, ficou sabendo porque a mulher do Gildo mandou um filme. Chama “anistia”, como é que chama o rapaz que eu esqueci o nome, eu tenho...tá na internet...no youtube, chama “anistia”. Que é um depoimento meu e da Maria Lúcia, uma carta que a gente escreveu em 1978. É...pediamos esclarecimento da morte do Zé e do Gildo e contando alguma coisa. No primeiro Congresso de Anistia que teve. Tem um depoimento em Belo Horizonte. Aí tem o pai do Gildo falando, tudo isso. É...quem que eu num...

04:43 – **Manoel Moraes** - Marival...você queria falar mais sobre Marival...

04:44 – **Maria Madalena** - Ai, do Marival, então eu acho que ele ...a primeira vez que ele falou foi lá. Quando eu levantei e falei e perguntei, ele falou que me conhecia. Ele não falou do Gilberto, mas ele sabia...ele, a cara dele, ele sabia de quem que eu tava falando, todos nós que eramos do grupo Tortura Nunca Mais sabíamos que ele sabia do que que eu estava falando. Mas como não era oficial ainda, o Gilberto não tinha falado,...eu acho, inclusive, o seguinte: que um dos motivos de eu ficar na OBAN, não ter ido para presídio, é história do Gilberto, porque se eu saísse e trocasse informação, a história do Gilberto teria sido esclarecida lá na década de setenta. Outra coisa é o seguinte: quem lê o meu depoimento no DOPS, eu não li, mas a Suzana Lisboa leu,

que é da Comissão dos Mortos e Desaparecidos nacional, dos familiares, se você me perguntar “conhece o Ricardo Zaratini?”, eu conhecia todo mundo. É como se eu conhecesse todo mundo. Com loucura, ou sem loucura, eu tenho certeza que eu não entreguei, ninguém foi preso por minha causa. Porque não tinha mais ninguém para ser preso. Mas, eu reconhecia todo mundo.

06:00 –**Roberto Franca** – Madalena, me diga uma coisa, você acha que Marival , que dá a entender que não o conhecia, que ele estava naquela ocasião também protegendo o seu irmão?

06:11 – **Maria Madalena** – Eu acho que protegendo meu irmão e talvez outras pessoas.

06:16 –**Roberto Franca** – Para eles não revelarem...

06:16 – **Maria Madalena** – Para não revelar. Que eu acho o seguinte: que ninguém esperava que o Gilberto ia contar essa história. Ele contou porque não aguentava mais dentro dele a história. Ele não contou por...por fazer um reconhecimento, por arrependimento...ele contou porque morava em João Pessoa, eu em João Pessoa, meus filhos, dois filhos iam passar muitas férias comigo, e ele falava demais no Zé Carlos. Então ele lembrava que do Zé Carlos, gostava demais do Raul Seixas, coisa que eu não lembrava. Das músicas que o Zé Carlos gostava. Então eu acho que ele contou porque tava sufocado, num dava conta mais de sobreviver.

06:58 –**Roberto Franca** – E no caso, o que a gente está percebendo... é que o Marival falou algumas coisas e deixou de falar outras. Que nessa ocasião, o fato de ele não ter assumido, é que ele de fato, está falando algumas coisas, e não queria abrir nenhuma informação do tipo de uma pessoa informante, que ele não quis revelar...

07:19 – **Maria Madalena** – É que ele não sabia que eu já sabia do Gilberto...

07:24 – **Roberto Franca** - Pois é...

07:24 – **Maria Madalena** - Não era oficial...então, ele faz de conta que não sabe, porque se ele falasse do Gilberto, podia puxar mais gente. Sabe? Mais umas outras pessoas...então, ele não fala. Como, não sei porque a AP não abriu a história de Gilberto, que eu acho que devia ter aberto logo. Porque podia aparecer...Gilberto fala em outras pessoas. Eu lembro dessas duas, então, pra qualquer organização é um escândalo ter infiltração e você não perceber. E infiltração a nível nacional porque o Zé Carlos era do Comitê Nacional. Então, uma pessoa acompanhando alguém do Comitê Nacional.

08:17 – **Socorro Ferraz** – Eu gostaria...eu posso fazer alguma pergunta agora?

08:21 – **Manoel Moraes** – Eu queria só agradecer, Madalena, particularmente eu não tenho mais nenhuma pergunta à Comissão, eu queria agradecer às suas respostas e me coloco à disposição naturalmente das outras perguntas...

08:29 – **Maria Madalena** – E aí também, qualquer coisa que vocês perguntarem...

08:31 – **Socorro Ferraz** – Bem, eu queria fazer uma pergunta mais de ordem pessoal, e outras depois mais de ordem política. Quando você sai da prisão, você já tinha a percepção que o Gilberto teria sido a pessoa que ...não? Não...

08:51 – **Maria Madalena** – Não. Eu saio achando que alguém tinha entregue. Mas eu já sabia que dois companheiros tinham me reconhecido, né? Um me reconheceu numa reunião armada, em 69, como uma das pessoas que estava fazendo segurança. E o outro, enquanto eu era militante em Belo Horizonte, na área operária. Isso eu já sabia. Mas eu não...eu sabia...eu não tinha noção de quantas pessoas tinham sido presas e que tinham morrido, só depois que eu saio, e vou para a casa dos Mata Machado, e eu fiquei seis meses lá até o julgamento, que era o...fui libertada com esse compromisso de ficar nos Mata Machado e trabalhar, aí eu arrumo emprego de programadora de computador numa casa, através de um amigo, que foi arrumando isso e eu fui trabalhar. É...eu não tinha noção, durante muito tempo eu não ...eu tinha dúvidas que o Zé Carlos tinha sido morto sob tortura. Eu só soube, tive certeza, que foi quando eu...será que eu...talvez eu estava em Brasília já, quando Gilberto faz o depoimento em João Pessoa, faz o depoimento na Câmara e vai em João Pessoa, que o pessoal de Recife, eles me conheciam como Maria Elizabete, Bete, que eles associam que Maria Elizabete era Maria Madalena. Eles achavam, até esse momento, que o Zé Carlos tinha uma mulher aqui e eu lá. Quando eles vêem a foto que saiu uma foto no Jornal do Brasil, que eles falam “é a Bete!”. Que aí a Fernanda entrou em contato comigo, e depois foi que eu recebi todo esse material.

10:47 – **Socorro Ferraz** – Certo. Agora, quando você se muda para João Pessoa, você já sabia?

10:52 – **Maria Madalena** – Do Gilberto? Não, fiquei sabendo em João Pessoa. Eu mudei em 80, o Gilberto contou em 83.

11:00 – **Socorro Ferraz** – Então, você se muda para João Pessoa para ter uma certa proteção de Gilberto? Vocês têm uma boa relação?

11:06 – **Maria Madalena** – Não, eu mudei para João Pessoa porque era muito pesado eu estar morando em Belo Horizonte. Que que é a história: eu sou a viúva do herói, que deixou os dois filhos, e não morreu na prisão. É muito difícil...não sei o quê que outras companheiras poderiam achar, você ser mulher de herói. Porque é o seguinte, ele morreu. E você tá viva. Então as pessoas, aquele assunto, é...uma coisa que não acaba, constantemente as pessoas estão falando naquilo. Sabe, na morte do Zé Carlos, como é que é...principalmente Zé Carlos sendo de Belo Horizonte, uma pessoa brilhante para Belo Horizonte. Então eu vim para João Pessoa...a Eleonora

morava em João Pessoa, a Eleonora Menicucci, eu vim para sair daquela história. Eu não aguentava mais aquela história.

11:57 – **Nadja Brayner** – E aí você estava com as, com seus filhos em João Pessoa?

12:00 – **Maria Madalena** – Não. Eu já não tinha mais os filhos... Bem, quando o Eduardo voltou... quando eu sai da prisão, eu não tinha condições de ficar com o Dori. Eu não tava bem. Aí tem, a Rosalina Santa Cruz, por exemplo, foi uma pessoa que veio me ver. Eu vomitava e chorava sem parar. Eu não ficava legal. Então, o Eduardo tava na França. Quando ele voltou, o pai dele falou que não me entregava. Que não ia me entregar. Que eu podia entrar na justiça e ele ia ganhar, que ele era médico e eu era normalista. Eu não tinha outra profissão. O Mata Machado pediu pra ser o tutor do Dori, e, como eu morei com eles, o Dori virou a vida do Mata Machado. Ou seja, ele já tinha enfartado, ele agachava no chão pra fazer cavalinho para o Dori. Era a vida dele, o Zé Carlos outra vez dentro de casa. E ele foi criado na casa dos Mata Machado que já eram velhos. Depois, muitos anos depois é que o Dori foi morar com a tia dele, mas até aquele momento...e nós entregamos pra eles criarem. Então, o Dori eu não tive coragem de tirar porque eu achava que eu ia acabar com a família, eu não queria ficar lá. Mas assim, eles passavam as férias comigo. Nesse tempo em que eu vivi em Belo Horizonte, eu fui para Florianópolis, eles foram, eu fui para São Paulo, eles iam...eles passavam as férias comigo. Mas ia uma tia ou não ia, mas eu não tive coragem. E o Eduardo eu não tive condições de argumentar com o pai dele. Sabe, ele falou que não...até hoje ...o ano passado, quando eu tive na casa do Eduardo, ele...

13:54 – **Nadja Brayner** – Aqui no Brasil? O Eduardo ...

13:55 – **Maria Madalena** – Mora em Belo Horizonte, ele estudou filosofia, custou demais superar essa história, porque era uma história diferente também, ele era o único menino mineiro que todo mundo sabia que tinha sido preso. Ele...o nome dele chama Eduardo Soares Neves da Silva, o da Silva é do pai, o Neves é da mulher do Everaldo, que ele assumiu diante do juiz que queria ter o nome da mãe substituta. E o juiz deixou. Então ele tem dois nomes de mãe, e uma. Ele estudou filosofia, é doutor em filosofia, tá indo agora outra vez para a Alemanha para fazer pós-doutorado. Ele é mais tranquilo nessa história.

14:39 – **Socorro Ferraz** – Então eu queria...certo...eu queria te perguntar ainda, mas até pelo adiantado da hora e outras pessoas podem querer perguntar, você incluiria o Brilhante Ustra entre os seus torturadores?

14:52 – **Maria Madalena** – Não, ele não me torturou. Eu tive esse contato com o Ustra porque vi ele fazendo massagem na Irene. Ela tava com o braço todo roxo. Mas eu vi já várias pessoas falando que ele torturou, mas pra mim, ele era elite. Ele nem aparecia. Ele nem aparecia... Ele era o chefe.

15:17 – **Socorro Ferraz** – Certo...eu queria ainda lhe perguntar, o que você sabe sobre a bomba do aeroporto em relação à organização a qual você pertencia, a AP?

15:27–**Maria Madalena** - O que eu sei é o seguinte: uma vez que eu estava na Câmara, lá na época do reconhecimento dos mortos e desaparecidos, eu morava em Brasília, ou seja , então eu morei de 93 a 97, em Brasília. Nesse período, teve uma reunião na Câmara e apareceram duas mocinhas e perguntaram se eu era Madalena, e se identificaram, era Isabel e Lara, filha do Raimundinho. E dá...meu Deus, acabei de esquecer, como era que chamava, que eu falei que chamava a mãe dela, gente?... Não, Maria ...Regina Lobo!!

16:14 – **Socorro Ferraz** – Regina Lobo.

16:14 – **Maria Madalena** –Que elas eram filhas de um ex-militante da AP, e que elas queriam...que acabaram de ficar sabendo, quando saiu a minha história, a tia delas contou para elas que elas não eram filhas dessa tia, que elas eram filhas de dois militantes, e que sabiam que o Raimundinho era da AP. Então elas queriam saber a história do Raimundinho. Eu conheci o Raimundinho de nome. Aí, eu, liguei para o Ricardo, meu irmão, ...Ricardo, meu irmão, é um dos fundadores da AP. Antes de ser da POLOP, ele foi da AP. A minha família toda passou pela AP. E eu pedi para o Ricardo conversar. Que elas queriam saber como é que era, como é que ele era fisicamente, queriam conversar. E o Ricardo conversou e contou a história. E inclusive a história de Guararapes pra elas. Aí elas fizeram um processo inclusive, ganharam o processo do assassinato do Raimundinho, ele foi, tinha sido assassinado sob tortura. Elas ganharam o processo na Comissão de Mortos e Desaparecidos, que era a primeira comissão, na época do Fernando Henrique. E aí o que eu sei é o seguinte: de fato, foi a AP, eu não sei com quem, não sei assim quem é que mandou, ...a nossa direção sempre foi, na época da AP, nesse período tinha: o Betinho era direção, o Jair, o Paulo Stuart, o Ricardo foi uma período de direção, porque depois o Ricardo rompe e vai para o PRT, com o Padre Alípio. O Padre Alípio participou disso também, da Guararapes. Eu conheci a mulher do Padre Alípio, que eu não lembro agora, a que é brasileira, que ela era de Goiania e era prima da Maria José Jaime. Então, eu conheci agora, num lembro mais o nome dela!! Não tem muito tempo que ela faleceu. Ou seja, um pouco tempo, porque a Bizé já faz cinco anos. São pessoas que participaram dessa história de Guararapes. Porque que fizeram, porque não era da linha da AP, sabe? A gente não tinha essa história. Por quê que fizeram eu não sei. A Isabel e a Lara devem morar as duas em Brasília. As duas meninas. Eu num lembro...eu posso conseguir o telefone da Lara, pelo menos, eu tenho condições de saber. A Isabel trabalhava, ou a Lara trabalhava na Universidade da Paz, com crianças.

18:58 –**Nadja Brayner** – Madalena...e Felícia nunca falou pra vocês alguma coisa sobre o aeroporto?

19:05 – **Maria Madalena** – Nunca perguntei. Nunca perguntei, um tempo eu convivi com a Felícia, mas nunca perguntei. Ela trabalhava no IBASE também. Mas eu nunca perguntei para a Felícia nada sobre isso...

19:21 – **Nadja Brayner** - Por que...só acrescentando, aqui, Ednaldo Miranda, não é? Que foi supostamente colocado como o autor da bomba, ele tomou conhecimento exatamente da autoria da responsabilidade da AP, quando ele estava no exterior, quando ele estava na França. A partir de uma entrevista que o Jair Ferreira de Sá teria dado ou algum depoimento, ou alguma conversa, não sei...foi quando ele soube, quando ele estava na França, exatamente, ele tomou conhecimento disso. Através do Jair.

19:56 – **Maria Madalena** - É porque teve ...quando eu estava em Belo Horizonte ainda nessa época, ainda, antes de 80, assim que saiu a anistia, tem reportagens muito grandes com o Jair. Eu acho que o jornal chamava “o tempo”, e ele fala sobre o Guararapes, tava Jair e a Doralina fazendo a entrevista. Eles ficaram em Belo Horizonte um período grande que eu lembro, o Jânio Freitas, o jornalista, tava em Belo Horizonte, tinha muita reunião com o pessoal que tinha voltado. É quase 80, mesmo porque o pessoal que tava clandestino voltou. Que inclusive, eles falavam “como vocês fugiram?”, eles falavam “com o apoio popular, as massas nos deram cobertura”. Que eu pessoalmente acho que as massas nem sabiam, nem nós que morávamos lá, sabíamos o que é que nós estávamos fazendo. Mas é a minha opinião, ou seja, quem dava apoio era a família, quem nos salvava era a família. Então, tem muita entrevista nessa época. Eu sabia dessa história do Raimundinho com Guararapes, mas não sabia detalhado, que eu não o conheci, mas eu sabia que meu irmão sabia, o Ricardo. Então, pedi para o Ricardo contar, montar a figura do pai para as meninas.

21:13 – **Henrique Mariano** – Madalena, duas questões: na época que houve, nesses anos, a prisão de vários militantes da AP, não é? Inclusive você e tantos outros. Houve também, nesse mesmo período, várias prisões de integrantes do PC do B, quase que simultaneamente. Você ouviu ou conhece, alguém que tenha sido informante no âmbito do Partido Comunista do Brasil, o PC do B?

21:45 – **Maria Madalena** – Não. Eu sei...isso é bem...tô no microrfone, tá sendo filmado, mas é em off, a Carmen Lúcia do Amaral foi presa por causa do PC do B. Ela falava que o marido dela que, agora mesmo, falaram quem era, ...

22:03 – **Nadja Brayner** – Marcos Burle...

22:04 – **Maria Madalena** – Pronto. Ele tinha entregue as pessoas.

22:08 – **Henrique Mariano** – Quem?

22:09 – **Maria Madalena** – Marcos num-sei-o-quê!!!

22:11 – **Nadja Brayner** – Marcos Burle.

22:12 – **Maria Madalena** – Éh...que ele era de Belo Horizonte. Médico. Ele era mais ou menos da geração ... Ela falou isso. Nunca comentei isso, por quê? Quando a gente tava presa lá no DOI-CODI, a Carmen pediu para a mãe levar a menininha dela

pra ver. Eles não deixavam, que os Mata Machado não conseguiram trazer nem o Everaldo, quando foi me avisar que ia levar o Dudu para a França, não conseguiu levar o Eduardo. Eles levaram o bebezinho para ela ver, ela tava na geladeira, mas levaram o menino para ela ver. O que é uma coisa estranha. Ninguém tinha contato com os filhos. A não ser que os filhos estivessem lá presos. Mas eles não faziam isso. Sabe? Num dava...que é um momento que você se recupera vendo a família. Mas hoje ainda tenho contato com a Carmen. Pelo facebook, ela foi minha dentista muito tempo quando eu morava no Rio.

23:14 – **Henrique Mariano** – Perfeito. Com relação, Madalena, à Fernando Santa Cruz e Eduardo Collier, que ambos também eram militantes da APML, você conheceu Eduardo pelo nome de Ulisses, não é? Teve alguns contatos momentâneos com ele lá em São Paulo, juntamente com...

23:34 – **Maria Madalena** - Em São Paulo... Ou seja, antes de ...antes de 72...antes de eu vir para o nordeste. Tá? Porque depois eu já passei para outra função.

23:44 – **Henrique Mariano** – Perfeito. Mas aí, eu gostaria de saber o seguinte: dentro da... na estrutura da APML, você conhece alguém ou poderia indicar alguém que tenha tido algum contato mais próximo com ambos, na época da militância?

23:59 – **Maria Madalena** – Olha, o Ulisses, o Eduardo Collier, ele era ligado à regional lá...a regional, nesse período era, Beatriz Bachiere, é a...o Osvaldo Rocha, um pouco antes era aquele rapaz...que todo mundo sabe que entregou, que era o Hugo, Danilo, 69, que entregou, ele era ligado a esse pessoal. Porque eu sempre fa...durante muito tempo, fo...quando eu não fiz o trabalho operário, eu fazia trabalho de infraestrutura. Então, você não tem muito contato. No operário eu tinha. Mas esse pessoal é um pessoal que era regional. Um pessoal que sabe quem era quem.

24:48 – **Nadja Brayner** – O Hugo era da regional?

24:48 – **Gilberto Marques** – Dona Madalena...

24:49 - **Maria Madalena** – O Hugo? Danilo era da regional.

24:53 – **Gilberto Marques** – Dona Madalena, pela ordem, meu nome é Gilberto Marques, eu faço parte da Comissão, como membro, uma outra história que caminha junto da história do aeroporto, envolve a circunstância de um presidente da república não ter descido no aeroporto de pernambuco, o avião passou direto, e o governador do estado, que, na época, era Paulo Guerra, teria também abortado a ida, por terra, ele vinha do Palácio para o Guararapes, era um caminho, na época, mais perto ainda sem o trânsito de hoje, porque teria tido um desconforto intestinal, se eu não me engano, no meio do caminho. Isso dá a impressão de que tanto o presidente, quanto governador do estado, tiveram acesso à notícia de que a bomba haveria de ser detonada no aeroporto. Aí, eu lhe pergunto: a senhora ouviu falar quem poderia ter dado essa informação às forças do governo?

26:03 – **Maria Madalena** – Não. Mas eu acho o seguinte: eu acho que a AP tinha muitos infiltrados. Por exemplo, o Hugo, em 69, ele derrubou São Paulo. Não ficou um militante em São Paulo e sul do país. É...68, 69, foi quando eu saí. Eu saí de lá na véspera, ou seja, ele derrubou até gente da igreja católica que dava apoio. E...eu morava no Graal, tinha um tal de Graal, lá, que eu morava lá, era de gente católica. Cheia de gente, cheia de mocinhas que não tinha, nem sabia de organização. Foi todo mundo preso. Ele derrubou mesmo e no sul ele prendeu gente que tinha saído de Belo Horizonte para o sul, pra fugir da repressão, ele prendeu também. É...ele tinha um nível...ele era regional, então ele não podia ter um nível de informação tão grande, como...porque tinha contato, eu sei que ele tinha contato com o Zé. Mas para encontrar com o Zé, quem levava o ponto era o Luiz...ele entregava para o Luiz Hirata, que é um que morreu, o Luiz Hirata entregava para a Maria do Betinho, Herbert de Souza, pra chegar no Zé Carlos. Então, era um processo. Você não falava “vou te encontrar amanhã”, não, era daqui a uma semana. Ou seja, eu acho que a AP teve infiltrados. Acho que o Gilberto não é o único caso, da...

27:40 – **Roberto Franca** – É...o seu irmão faz uma referência a Victor Luiz Papandréo, você ouviu falar desse...seria um agente que foi morto pelo major Rubem Sampaio, porque ele estava meio desequilibrado, porque já não serviria mais para nada e que ele matou a sangue frio...seria um infiltrado também da AP?

27:47 – **Maria Madalena** – Não. Não sei...eu posso até depois tentar olhar, não sei quem é...

28:06 – **Roberto Franca** – Não, mas só pra lembrar que eu sei que...

28:09 – **Maria Madalena** – Não sei, mas é porque ele fala de mais duas pessoas no depoimento. Mas...por exemplo, se eu pegar o Gilberto: em 90, eles matariam o Gilberto. Ele bebia sem parar, usava droga pesadíssima. Por causa que...já tinha contado a história pra mim e para a Eleonora. A história tinha se espalhado, né? Em 96 saiu nos jornais. E ele continuou morando, ele morreu há dois anos atrás, ele continuou morando em João Pessoa. Com toda a história declarada. Sabe? Então... É... Não sei se eles tinham interesse em matar também....

29:58 – **Nadja Brayner** – Madalena, eu queria ainda, me diga uma coisa, seu irmão, outro irmão, o Ricardo, também era dirigente da AP?

29:59 – **Maria Madalena** – Era, foi dirigente da AP, depois foi para o PRT, parece, depois, ou pra POC ou POLOP...

29:13 – **Nadja Brayner** – Sei... Nesse período, nessa época, que ocorreram esses fatos, não é, do Zé. Ele tinha contato com vocês?

29:26 – **Maria Madalena** – Ele tava preso.

29:26 – **Nadja Brayner** – Ah, ele já estava preso?

29:30–**Maria Madalena** – Ele foi preso em 71... Ele ficou preso uns três anos... Ele foi... Minha mãe faleceu em 71, ele fo preso logo depois do enterro, e...74, quando eu sai da prisão, ele foi me esperar na rodoviária. Entao, ele ficou uns três anos preso.

29:48 – **Nadja Brayner** – Em que circunstâncias ele foi preso? Você sabe? Você lembra?

29:50 – **Maria Madalena** – Ele.. foi a mesma circunstância que a Eleonora foi presa...ou seja, eu não sei quem foi, mas a casa que ele morava em São Paulo, caiu. Aí foi presa Eleonora, minha irmã e a menininha. Meu tio conseguiu tirar, meu tio que mora em São Paulo, a minha irmã e a menininha dela. O Ricardo foi para o enterro, segundo os meus tios, a polícia já tava no enterro. Só esperou...enterrar...acabar para prendê-lo. Minha mãe morreu mais ou menos em setembro, ...então, ele já não...que ele era da época, ele era uma das testemunhas que viu Eduardo Merlino... Eduardo Merlino... É um rapaz que veio da França, que foi assassinado. Não sei se é Eduardo Merlino... Ele era testemunha de uma assassinato dentro da OBAN. Sabe? Mas já de outra organização.

30:38 – **Nadja Brayner** – E aí o Ricardo ficou preso até quando?

30:50 – **Maria Madalena** – Em setenta e quatro, quando eu saí da prisão, eu acho que ele saiu em 74.

31:10 – **Roberto Franca** – Num depoimento de seu irmão na Comissão, ele falava que o comando da operação, é... Para o DOI-CODI, a ação de Sergio Fleury em Pernambuco era um pouco diferente. Ele disse que tinha uma autonomia maior. Que na maioria dos estados entrava o DOI-CODI com o comando militar, não era? Do exército... Mas que em Pernambuco, o Miranda tinha uma ação muito mais livre, como se ele coordenasse as operações. Eu sei que o tempo é muito... Já faz muitos anos. Mas eu digo que, fale um pouco sobre essa, o que você sabe assim sobre Fleury, o Miranda, aqui... O que, qualquer informação para nós é importante.

31:57 – **Maria Madalena** – O Miranda...eu não sei o endereço de cor, o endereço onde o Gilberto mora. Eu posso ver no meu computador que eu acho o endereço lá. Meu computador tá na casa de Socorro. O Miranda dormia no mesmo quarto que o Gilberto. Ele não saía de perto do Gilberto. O Gilberto tinha aquela... que eu já contei, tudo o que conversava era transmitido. É... Eu acho o seguinte: que eles... O Mata Machado, acha que o general Cursio... Neto, Cursio Neto, que comandava a repressão aqui. Ele acha inclusive que o Zé foi assassinado por responsabilidade do Cursio Neto. Tem várias declarações dele. Que ele teve uma divergência em algum tempo com o Cursio Neto, e o Cursio Neto prometeu persegui-lo. Eu não sei quem é o Cursio Neto, eu tô falando o que o Mata Machado falava. Agora, o Gilberto falava o seguinte: que o Fleury e o Miranda faziam o que bem entendiam. Sabe? Aqui eles mandavam. E a atitude do Fleury lá na OBAN, era que ele era dono da casa mesmo. Sabe? Assim: eu tô sendo interrogada num assunto, ele chega pra falar de um

camponês aqui que eu não, que eu acho que era no sanatorinho que tava, que eu não sei o nome, que ele veio e matou. Sabe? ...

33:30 – **Humberto Vieira de Melo** – Eu tenho aqui um IPM que trata da prisão do pessoal da AP aqui em Pernambuco. Aí tem um lavrador de Pindaré, o nome dele é Pedro Brito...seria esse?

33:40 – **Maria Madalena** – Seria esse. Porque o outro se chama Carlos mesmo.

33:44 – **Humberto Vieira de Melo** – Aqui tem um Pedro Brito, lavrador de Pindaré do Maranhão, ligado ao sindicato rural.

33:48 – **Maria Madalena** – É ...era um pessoal... por isso que eu falei que era ligado a Manoel da Conceição. O Carlos, que eu nem sei se o nome é Carlos, ele não foi preso. Manoel da Conceição me falou em 84...

34:00 – **Humberto Viera de Melo**: E tem um irmão na clandestinidade, veja o dado que eu tenho aqui é o seguinte: Pedro Brito, lavrador em Pindaré, Maranhão, ligado ao sindicato rural, simples e humilde, tem um irmão na clandestinidade e conhece os elementos da área. Isso tá no IPM do... Feito aqui, o IPM feito em Olinda. Aqui trata da prisão, trata que...

34:22 – **Maria Madalena** – É porque eu não vi, mas aqui tinha, que eu me lembro...e que eu tenho informação é que Carlos com as três filhas, que é Rosa, num-sei-quem, num-sei-quem... E esse camponês, que tava no sanatorinho, que eu me lembro como sanatorinho, que o Zé Carlos me falou, eu não sei o nome...o Carlos eu sei, porque eu encontrei com ele. Quando eu tava na OBAN, eles tinham a fotografia do Carlos. Eu pensava que o Carlos tinha sido preso. Quando eu encontrei Manoel da Conceição, em 84, quando foi assassinada Margarida Alves, eu participei de um, fazer um documentário lá, sobre o assassinato dela. Ele falou: "não, o Carlos fugiu. O Carlos não foi preso". Ele encontrou com o Carlos. Aí eu perguntei sobre esse camponês e ele não sabia quem era. Mas o Fleury falou que esse camponês foi assassinado.

35:15 – **Humberto Vieira de Melo** – Madalena,... Descupe a pergunta, você pode considerar uma pergunta dura... Veja: pelo depoimento que eu li, na comissão da assembleia, de Gilberto, ele claramente diz que negociou a vida da mulher, de sua irmã Marta e sua vida em troca da vida de Zé Carlos...aí minha outra pergunta seria: como coincidentemente a sua liberação da OBAN, coincide com a liberação de Ricardo, ele teria negociado também a vida do Ricardo?

35:46 – **Maria Madalena** – Meu irmão?

35:46 – **Humberto Vieira de Melo** – Sim...

35:49 – **Maria Madalena** – Não. Porque o Gilberto... foi em 71 que o Ricardo foi preso, né?

35:54 – **Humberto Vieira de Melo** – Mas ele é solto antes de você...

35:58 – **Maria Madalena** – Em 74...ele fala isso...

36:02 – **Comissão** – Eu estou pegando por essa data...que você deu aí, você colocou que ele foi preso em 71, no enterro de sua mãe, e quando você foi solta, ele já estava solto...

36:11 – **Maria Madalena** – Pode ser...é...porque ele fala, ele fala o seguinte: ele foi preso lá na, na Vila Mariana... Não sei a rua, é onde eu morava, casei. Morava o Hamilton, que é o Pedro Terra, o Athos, e morava outro rapaz que eram militantes acho que ligados à ALN. O Gilberto morava lá. Era uma vila de militantes. Uma ruazinha assim morando militantes. Dessas vilas fechadas que tem muito em São Paulo. O Hamilton não morreu. O outro morreu de um acidente de carro, e o outro morreu doente. Eu sei disso que morreram muito tempo depois. Porque o Athos, que era irmão do Hamilton, era namorado da minha irmã. E o Gilberto fala que foi preso por causa deles. Eu não lembro o nome do rapaz, tá aqui assim...mas foi preso por causa desses, eu não consigo confirmar se de fato Gilberto foi preso nessa época. Que é a mesma época que Hamilton foi preso. Sabe? Eu não sei se ele...nunca preoquepei com isso. Ele falava isso, ele tinha certeza que ele, que eu estava viva porque ele, ele colaborava...mas ao mesmo tempo, enquanto nós estivemos em Fortaleza, a repressão não sabia onde a gente estava. Então, assim, pra repressão localizar a gente, ele teve que ir atrás dos Mata Machado, entrar o pessoal da AP para conversar com os Mata Machado, para eles descobrirem onde me encontrar. Ou seja, me encontrou em São Paulo e aí ele faz o contato com a AP. Por que antes disso, ninguém sabia da gente, nem os Mata Machado, não sei se eu contei isso hoje, dos Mata Machado...terem ideia de que a gente tava no nordeste, por causa do meu filho. Eles tinham um relógio cuco. O Eduardo já tava entregue pra eles, ou seja, isso já é 72. O cuco sai e cantou. Aí o Eduardo falou “o passarinho veio, cantou pra gente e voltou e deitou na redinha”. Ele falou “então, eles estão no nordeste”. Foi a primeira vez que eles tinham ideia onde eles andavam. Sabe por quê? Porque entrou e foi...ele dormia em rede. Então foi natural. Eu acho que o Gibeto podia ter essa presunção, pode ser que fez, mas...eu tenho uma opinião, assim, eu pego o Giberto, pego Marival, esse cara que contou agora, Cláudio Guerra, eles têm uma presunção que eles são o máximo. Eu leio e me dá raiva, porque eles se acham os sabedores da verdade. Sabe? Mas a hora que você questiona, como eu questionei o Marival, não fala. Sabe?
...

39:05 – **Manoel Moraes** – Você conheceu Cláudio Guerra?

39:06 – **Maria Madalena** – Não. ...

39:08 – **Manoel Moraes** – Teve algum contato com ele? Ouviu falar dele?

39:09 – **Maria Madalena** – Não, ouvi nessa história agora...

39:11 – **Manoel Moraes** – Não, mas naquele contexto nunca?

39:12 – **Maria Madalena** – Nunca! Nunca...

39:14 – **Manoel Moraes** – Da simulação que foi feita, não é? Porque houve toda uma simulação para a ideia de que houve uma troca de tiros, aquela situação toda...você soube dessa informação já presa, e como é que você soube da morte de Mata?

39:27 – **Maria Madalena** – Não...eu soube...quando...eu vi a revista Veja lá dentro da OBAN que meu sogro contesta essa história. Ou seja, ele contesta falando “quero saber quem é”. É...eu não sabia...pra mim, vocês olhando os documentos, vocês vêem que tem um papel que é do cemitério, que ali uma das pessoas é o Paulo Stuart mesmo. Que, inclusive, há pouco tempo eu li um documento, na internet, da... Tem um rapaz de Santa Catarina que fez uma tese sobre Paulo Stuart. E ele é meu amigo no facebook., na tese ele fala que o Paulo Stuart veio aqui, em Recife. Ele esteve aqui e que ele participou desse projeto de trazer o pessoal do Maranhão. Ou seja, eu sei que o Zé Carlos vinha e voltava, porque ele viajava, ia lá, depois ele voltava. E eu conhecia o Carlos e conhecia as três meninas. Porque o pessoal que foi preso aqui sabe quem são as três meninas porque elas ficavam ligadas a eles. Agora... O Paulo Stuart então, esteve no Maranhão, como também...qual era a outra pessoa? Ah, e o Umberto Câmara Neto andava por aqui. Também. Ele tava por aqui. Que a primeira vez que eu...eu não conhecia o Umberto Câmara Neto. Eles falaram”... Foi o pessoal daqui, que me falou “morreram dois companheiros nossos também”, que na época eu achei que era um dos simpatizantes, que tinha um que chamava Macunaíma, em Recife, que eu nunca mais ouvi falar, mas era o pessoal que dava apoio pra gente...

41:13 – **Nadja Brayner** – Madalena...você começou a falar que, no cemitério, não é? Que seria... Um daqueles corpos seria de Paulo Wright?

41:24 – **Maria Madalena** – É...porque pela descrição que eles fazem, é o Paulo Wright.

41:32 – **Nadja Brayner** – Qual descrição?

41:33 – **Maria Madalena** – Eles fazem... Num dos documentos, eles falam...é...como foi a Mercia... Que uma pessoa forte, alta... O porte de Paulo Wright, que eu me lembro, era um militante...o Gildo era alto, mas o Gildo era magrinho. A pessoa alta, forte. E nesse docu...essa coisa do ...nessa tese lá do menino, ele fala que o Paulo Stuart veio pra cá. Sabe? Ele pode ter sido preso, lá em baixo...lá.

42:01 – **Nadja Brayner** – Você lembra o nome desse rapaz de Santa Catarina? Que você disse que escreveu essa tese? ...você manda?

42:07 – **Maria Madalena** – Eu mando para você...você anota aí pra mim, Socorro, pra eu mandar...eu tenho...é uma tese...

42:10 – **Nadja Brayner** – Quer dizer que é uma tese de...então aqueles três...informações que tem de três covas, seria Paulo Wright, ...

42:23 – **Maria Madalena** – Não sei se veio junto com o papel, ...

42:26 – **Nadja Brayner** – Tem impressões digitais também...

42:27 – **Maria Madalena** – Então, naquilo tem a descrição...descreve as pessoas...duas pessoas.

42:36 – **Manoel Moraes** – Inclusive, nesse documento, tem o nome do delegado Jorge Tasso.

42:39 – **Maria Madalena** – É...que ele nega, que ele participou...ele nega isso.

42:43 – **Nadja Brayner** – Mas, mas Jorge Tasso fez o encaminhamento de dois corpos que teria sido de Gildo e o de, o de Mata Machado.

42:53 – **Maria Madalena** – Ele tem a impressão digital antes? Ele descreve quem eram as pessoas.

42:58 – **Nadja Brayner** – Não...esse documento...

42:59 – **Maria Madalena** – Eu...é porque num trouxe todos os documentos...

43:04 – **Humberto Vieira de Melo** – Tá aqui, tá aqui...eu tenho aqui!! O que ela tá falando é curioso, porque no ofício de Jorge Tasso ele apresenta três impressões digitais. Três conjuntos...

43:16 – **Maria Madalena** - Não! É um papel assim...de ... Instituto de Medicina Legal.

43:21 – **Humberto Vieira de Melo** – E tem ou outro aqui, ...não é?

43:27 – **Maria Madalena** –O exame, é um exame que fala que eles levaram tiros num-sei-o-quê...eu não sei se esse papel tá no meio...

43:32 – **Nadja Brayner** – É somente sobre Mata Machado, eu acho...

43:35 – **Roberto Franca** – Esse documento aqui só trata de Mata Machado...

43:35 – **Maria Madalena** – Ah, não...então...é porque isso aí já foi pra outra história, eu separei...mas ele descreve...só veio...só esse...não!! É um que...

43:54 – **Nadja Brayner** – Isso aqui tem os dados do Cemitério da Várzea.

43:55 – **Maria Madalena** – Não...não é esse, mas tem ...são...é...tem mais um. Que descreve a pessoa...esse...a gente lendo achou que era....(conversas cruzadas)

44:14 – **Humberto Vieira de Melo** – Tem um documento interessante aqui que ela mandou “dados do Cemitério da Várzea”. E que consta três enterros de pessoas

desconhecidas no mesmo dia: 314, 315, 316... No 316 tem anotação “exumado e trasladado para o estado de Minas Gerais, ofício tal do juiz da primeira vara, ofício tal do IML”, então esse último aqui seria ...Mata Machado.

44:43 – **Maria Madalena** – Eu não sei quem mandou esses documentos...

44:44 – **Humberto Vieira de Melo** – Agora teria um...se foram três pessoas enterradas: um na cova quatro, um na cova cinco e um na cova seis. Da quadra um, lance vinte e oito, todos...um do lado do outro, no mesmo dia 29/10/73...são três corpos...

44:57 – **Maria Madalena** – É... São três corpos, a Mércia descreve ...eu acho que tem um depoimento aí dela...descrevendo até que é caixão de treliça...e eram três corpos (conversas sobrepostas)...eu conversei com a Mércia uma vez, eu estive aqui, em Recife, nessas sentadas do pessoal. Descreve que eram três corpos. Quando eu conversei com ela, a sensação que eu tive era que o Paulo Stuart Wright tinha um codinome de Antonio , então, pode ser que eu fiquei impressionada, mas eu achava que era o Paulo Stuart, pela descrição...

45:34 – **Nadja Brayner** – Assim então...

45:35 – **Maria Madalena** –... que era uma pessoa alta e forte, ele tinha os traços de europeu, num tem um traço...o Gildo era alto, mas é magrinho. Eu tive até dúvida se o Gildo teria sido morto aqui mesmo e enterrado aqui. Porque ele tava...o Oldak viu o Gildo em Salvador, quase morrendo...será que tiraram o corpo de lá correndo e trouxeram pra cá?

46:04 – **Nadja Brayner** – É mas...existem pessoas aqui da Ilha, não é? Aquele da Medicina, que viram tanto o Gildo quanto o Mata Machado, não é? Aqui no DOI-CODI. Os dois..é o depoimento de Melânia. Que era a mulher de Eduardo Freeze, Custódio Amorim,... (conversas sobrepostas)

46:05 – **Maria Madalena** – Ah, desculpa...o Zé Carlos, eles viram o Zé Carlos entrando aqui no DOI-CODI, dia 26; o Zé Carlos foi preso dia 19. De 19 a 26, onde é que o Zé Carlos esteve? Que eles viram ele entrou, andando, pedindo uma escova de dentes que era um hábito do Zé Carlos, ele usava aparelho, usou aparelho muito tempo, então, quando ele era da UNE, ele escovava os dentes sem parar. Por causa da loucura de usar o aparelho. De preservar os dentes. Então seria uma coisa natural, ele se incomodar, sem escovar os dentes. Mas do 19 a 26, não tem ideia onde Zé Carlos andou. Isso é coisa que eu tomei consciência há pouco tempo, por isso que eu passei a achar se naquele subterrâneo lá do DOI CODI, de fato num podia um deles ser o Zé Carlos...sabe? Que eu num tenho certeza, mas onde é que tava o Zé Carlos nesse período? E sem...e não arreventaram com ele. Ele veio sem ser arreventado aqui, porque ele entrou andando, eles viram ele andando. De madrugada é que ele começa a falar que...

47:39 – **Nadja Brayner** – É...mas o próprio Gilberto Prata fala que a alternativa... Eu acho que é ele...não sei...eu li em algum lugar...prender Zé Carlos lá em Belo Horizonte, ou próximo do Rio, próximo da família, era mais complicado, não é? Por conta da família dele...

47:56 – **Maria Madalena** – É...a família dele tava gritando...

48:00 – **Nadja Brayner** – Que era uma família influente, enfim...tinha um...

48:03 – **Maria Madalena** – É...veja...assim que ...

48:05 – **Nadja Brayner** – Estrategicamente seria mais tranquilo...

48:08 – **Maria Madalena** – Assim que eles foram presos, os Mata Machado ficaram sabendo, e já, ou seja...

48:12 – **Nadja Brayner** – Se mobilizaram...

48:15 – **Maria Madalena** – Eles se mobilizaram internacionalmente. Imediatamente eles se mobilizaram, assim ... Rapidamente eles já ficaram sabendo e ...

48:22 – **Nadja Brayner** – Eu só teria mais uma pergunta, duas perguntas rápidas...primeiro, Osvaldo Rocha está onde? Ele é vivo?

48:29 – **Maria Madalena** – Ele é vivo e ele é dentista. Ele morava em Goiania, tá? Ele é a última pessoa que viu Paulo Stuart vivo. Ele morava em Goiania. Não sei se está vivo...

48:43 – **Nadja Brayner** – Atualmente você não sabe?

48:43 – **Maria Madalena** – Não sei porque aí as coisas que eu sei que aconteceram na tal festa da... encontro da AP ...não sei como é que é essa história, mas quem me falou é um ex-militante, que é homossexual, que o Osvaldo Rocha não foi chamado para o encontro da AP, porque ele assumiu a homossexualidade na OBAN. Eu não sei como se deu isso, eu sei que...

49:12 – **Nadja Brayner** – Como é? Por favor...

49:14 – **Maria Madalena** – Osvaldo é homossexual, outro amigo que foi companheiro, que é homossexual, falou que o Osvaldo Rocha foi discriminado pela AP, porque ele assumiu a homossexualidade lá, na OBAN. Ele não fez parte do meu julgamento, o Osvaldo Rocha. Sabe, ele não fez parte. Ele pode ter feito parte de outro, porque são vários, mas ele não estava. Então, eu sei que ele é dentista, ele tem um livro publicado, que ele conta a história ...

49:46 – **Nadja Brayner** – Você sabe o nome do livro?

49:46 – **Maria Madalena** – Não... Posso procurar para você também e fico devendo, que ele tem um livro publicado que eu já li, que ele fala “a companheira”, ele me chama de “Joana” ainda, “ficou louca”. Ele comenta isso. Depois ele descreve tudo o que aconteceu... Joana era eu.

50:03 – **Nadja Brayner** – Outra coisa, Madalena...a esposa, a viúva de Gildo Lacerda, você mantém contato com ela? Até hoje?

50:04 – **Maria Madalena** – Mantenho, a Mariluce Moura...

50:04 – **Nadja Brayner** – Mariluce Moura? Ela mora em Salvador ou está em São Paulo?

50:11 – **Maria Madalena** – Em São Paulo...não, era mora em São Paulo, ela mandou tem um...o ano passado, ela mandou um filme que chama “Anistia”, você acha no youtube, chama “Anistia”, tô pelejando para lembrar o nome do rapaz que fez, ela que mandou pra mim esse filme, sobre esse depoimento meu, mas eu mantenho contato com ela, ela é minha amiga no facebook.

50:42 – **Nadja Brayner** – É fácil localizá-la...

50:42 – **Maria Madalena** – É fácil ela deve... Num lembro agora, mas ela sempre está...

50:45 – **Nadja Brayner** – Pronto. Só uma última questão: você já falou várias vezes aí, do Marival e tal...aí eu perguntaria: Marival participava, assistia às sessões de tortura?

50:57 – **Maria Madalena** – Comigo não...comigo ele fazia assim, passou o interrogatório, ele ía... Daí a pouco ele chegava com um papelzinho lá do computador, e falava “tá mentindo aqui, aqui e aqui”.

51:13 – **Manoel Moares** – Checava as informações...

51:13 – **Maria Madalena** – Ele checava as informações e trazia...

51:15 – **Nadja Brayner** – Ele não assistia, nem participava, não estava presente naquele momento...

51:19 – **Maria Madalena** – Nem ...em nenhum momento, ele já chegava com esse papel de computador, que eu sei porque depois eu trabalhei muito...é...é que sai que sai a história toda, assim...

51:34 – **Nadja Brayner** – Certo...tá bom...

51:34 – **Maria Madalena** – Porque ...é...como eu não tinha nenhum documento, eu não fui presa com documento frio, ele falava “é esse e esse nome frio”, mas eu não tinha mais documento...

51:48 – **Nadja Brayner** - ... Identificava não é? Bom. Por mim, eu agradeço a contribuição aqui com esse depoimento.

51:55 – **Maria Madalena** – Se tiver alguma coisa, vocês podem entrar em contato, eu vou deixar o e-mail com vocês, vocês podem perguntar depois por e-mail...tá?

52:02 – **Manoel Moraes** – Eu queria agradecer muitíssimo , agradecer, Madalena, mais uma vez, a sua disponibilidade por tudo o que você pode contribuir e com certeza vai contribuir mais com essa documentação que você vai nos enviar. Muito obrigado.

52:15 – **Maria Madalena** – É...eu também agradeço porque eu consegui ficar tranquila, normalmente eu choro feito uma louca. Mas eu me mobilizei que eu tinha de ser racional para poder começar a fechar essa história, porque senão vai chorar o resto da vida e a gente não dá um passo adiante. E a necessidade que a comissão da verdade tem de andar adiante. Sabe, eu acho tanto aqui como a nacional tem que ir fechando as histórias. Eu tive muito contato com os familiares, mas eu acho que a comissão nacional e estadual dos mortos e desaparecidos tem uma função, mas para resolver isso, no Brasil, tem que ser as comissões nacional e estaduais. Dos familiares não vai resolver.

53:05 – **Fernando Coelho** – Algum integrante da Comissão deseja ainda formular alguma indagação? Eu faço, oficialmente, em nome da Comissão, as palavras de agradecimento aqui que foram transmitidas pelos relatores do processo. Sem sombra de dúvida, foi um depoimento da maior importância e que traz uma contribuição muito importante para o entendimento de todo o quadro da repressão, na fase aqui estudada. Quero agradecer a presença de todos e declaro encerrada a sessão. -----

